

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES

ROSANA SIQUEIRA DE CARVALHO

VARIAÇÃO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NA FALA DE BELÉM

Dissertação de Mestrado em Lingüística apresentada
à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em
Lingüística, do Centro de Letras e Artes da
Universidade Federal do Pará.

Belém-Pará

2000

VARIAÇÃO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NA FALA DE BELÉM

Por

Rosana Siqueira de Carvalho

Dissertação de Mestrado em Lingüística,
apresentada à Coordenação do Curso de Pós-
Graduação em Lingüística, do Centro de
Letras e Artes da Universidade Federal do
Pará.

Orientador:
Prof. Dr. Abedelhak Razky.

Belém - Pará
2000

Comissão Examinadora

DEDICATÓRIA

A meu pai, meu grande incentivador;
A minha mãe, minha grande mestra;
A minha irmã, companheira de todas horas.

“ Ainda que fale as línguas dos homens e dos anjos, [...] se não tiver amor nada eu serei” (Coríntios, 1,13).

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de luz e vida, sem o qual nada realizamos;

Ao Prof. Abdelhak Razky, meu orientador, pelo apoio e dedicação para a realização deste trabalho;

Ao Prof. Jorge Domingues, pela minuciosa revisão e orientação bibliográfica;

À Profa. Carmen Lúcia, pela disponibilidade em revisar este trabalho;

À Profa. Leopoldina Araújo, pela orientação e pelos esclarecimentos acerca de meus estudos, no período da Graduação em fui que sua bolsista;

À Profa. Célia Brito, pela paciência e pelos ensinamentos demonstrados durante o curso de Pós-Graduação;

À Elizabete Rayol, pelas palavras amigas nos momentos mais difíceis;

À Professora Risoleta Julião, pela auxílio nos momentos de dúvidas;

A Francisca Maria Carvalho, pelo companheirismo durante o período do Graduação e do Mestrado;

À CAPES, pelo apoio financeiro;

À família Teixeira, pela contribuição direta na realização deste trabalho;

Aos informantes, que forneceram o material para análise;

Aos familiares e amigos, que pacientemente me ouviram e me incentivaram;

A todas as demais pessoas que contribuíram para a realização deste estudo;

LISTA DE QUADROS, TABELAS, GRÁFICOS E MAPAS

Quadro A	Distribuição da amostra de acordo com o fator escolaridade	38
Quadro B	Distribuição da amostra de acordo com a faixa etária	38
Quadro C	Distribuição da amostra de acordo com a classe social	39
Quadro D	Distribuição dos Grupos de Fatores	50
Quadro E	Regras de ordenação	53
Tabela 01	Frequência global das variantes	54
Tabela 02	Influência do contexto fonológicos posterior	57
Tabela 03	Tonicidade	61
Tabela 04	Caráter surdo/sonoro do segmento posterior	64
Tabela 05	Classe morfológica do vocábulo	66
Tabela 06a	Zona de articulação das consoantes	70
Tabela 06b	Zona de articulação das vogais	71
Tabela 07a	Modo de articulação	74
Tabela 07b	Tempo de duração da pausa	74
Tabela 07c	Grau de altura das vogais	75
Tabela 08	Grau de interação	77
Tabela 09	Fator sexo	78
Tabela 10	Faixa etária	84
Tabela 11	Convergência e interação paras as alveolares	85
Tabela 12	Convergência e interação paras as palatais	85
Tabela 13	Convergência e interação para a glotal	85
Tabela 14	Convergência e interação para o zero fonético	86
Tabela 15	Classe social	86
Tabela 16	Escolaridade	87
Tabela 17	Convergência e interação para as alveolares	90
Tabela 18	Convergência e interação para as palatais	90
Tabela 19	Convergência e interação para a glotal	91
Tabela 20	Convergência e interação para o zero fonético	91
Gráfico 01	Grupo de fatores sexo vs. classe do vocábulo	70
Gráfico 02	Sexo vs. sílaba tônica e sílaba átona (palatais)	80
Gráfico 03	Sexo vs. contexto fonológico (alveolar)	81
Gráfico 04	Sexo vs. classe morfológica (apagamento)	82
Gráfico 05	Sexo vs. modo de articulação (glotal)	82
Gráfico 06	Escolaridade	88
Mapa 01	Palatais	93
Mapa 02	Alveolares	95
Mapa 03	Glotal	97
Mapa 04	Zero Fonético	98

SUMÁRIO

RESUMO	10
1 INTRODUÇÃO	11
2 APRESENTAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BELÉM	17
2.1 Aspectos gerais.....	17
2.2 Estrutura urbana de Belém.....	19
2.3 Informes sociais e econômicas.....	19
3 SUPORTE TEÓRICO	21
3.1 Variação e mudança lingüística.....	21
3.2 Considerações sobre as fricativas.....	23
3.3 Considerações sobre os estudos apresentados acerca da variação do /s/ pós-vocálico no português do Brasil.....	34
4 METODOLOGIA	36
4.1 Formação do <i>Corpus</i> lingüístico.....	36
4.2 Estratificação da amostra.....	37
4.3 Coleta dos dados lingüísticos.....	40
4.4 As entrevistas.....	41
4.5 Os dados lingüísticos.....	42
4.6 Transcrição dos dados lingüísticos.....	42
4.7 Quantificação dos dados lingüístico.....	43
4.8 Codificação dos dados lingüísticos.....	44
4.9 Variáveis dependentes.....	45
4.10 Variáveis independentes.....	45
4.10.1 Os grupos de fatores lingüísticos ou estruturais.....	46
4.10.1.1 A natureza do caráter surdo ou sonoro do segmento.....	46
4.10.1.2 A influência da tonicidade que contém o segmento.....	46
4.10.1.3 A natureza do classe do vocábulo no qual ocorre a variação.....	46
4.10.1.4 A natureza do ambiente fônico posterior.....	47
4.10.1.5 Modo de articulação do segmento posterior/ o grau de altura do elemento vocálico/ pausa.....	47
4.10.1.6 Ponto de articulação do segmento posterior vs. posição relativa da língua.....	48
4.10.1.7 Quanto ao grau de interação.....	48
4.10.2 Os grupos de fatores sociais ou extra-lingüísticos.....	49
4. 10. 2. 1 Sexo.....	49
4. 10. 2. 2 Faixa etária.....	49
4. 10. 2. 3 Escolaridade.....	49
4.10.2.4 Classe social / renda.....	50
5 ANÁLISE DOS DADOS LINGÜÍSTICOS	52
5.1 Considerações gerais.....	52
5.2 Fatores lingüísticos.....	54

5.2.1 Os segmentos fônicos seguinte na pronúncia do /s/ pós-vocálico.....	55
5.2.2 Grau de interferência da tonicidade.....	61
5.2.3 A Influência da sonoridade.....	64
5.2.4 As classes morfológicas dentro da variação do /s/ pós-vocálico.....	66
5.2.5 Zona de articulação do segmento posterior.....	70
5.2.5.1 Zona de articulação das consoantes.....	70
5.2.5.2 Zona de articulação das vogais.....	71
5.2.6 Modo de articulação do segmento posterior vs. grau de altura vs. pausa.....	74
5.2.6.1 Condicionamento do modo de articulação.....	74
5.2.6.2 A influência da pausa.....	74
5.2.6.3 A influência do grau de altura das vogais.....	75
5.2.7 A relevância do grau de interação.....	77
5.3 Fatores sociais.....	78
5.3.1 A influência do grupo masculino e feminino.....	78
5.3.2 O condicionamento da faixa etária.....	83
5.3.3 Condicionamento da classe social.....	86
5.3.4 Condicionamento da escolaridade.....	87
5.4 Conclusão parcial.....	91
5.5 Comparação de dados.....	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
RESUMÉ.....	106
7 BIBLIOGRAFIA.....	107
7.1 Referência bibliográfica.....	107
7.2 Bibliografia consultada.....	110

ANEXOS

RESUMO

Neste trabalho de investigação lingüística, estudamos a variação do /s/ pós-vocálico na fala de informantes belenenses. Para sistematizar a variação do fenômeno estudado, que apresenta quatro realizações fonéticas: as alveolares [s, z], as palatais [ʃ, ʒ], a glotal [h], o zero fonético [ø], baseamo-nos na abordagem teórico-metodológica da Teoria da Variação de Labov (1972) e nos postulados de Scherre & Macedo (1991) com intuito de analisar quantitativamente a pronúncia atual desses falantes, pelos itens lexicais, verificando a frequência e probabilidade dos grupos de fatores lingüísticos e extra-lingüísticos por meio do pacote de programas Varbrul. Pretendemos, também, comparar o nosso estudo com os de outros trabalhos que descreveram o mesmo fenômeno em falantes de vários pontos lingüísticos do Brasil.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem humana é o meio pelo qual o homem expressa as suas idéias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence, enfim ela é um retrato de seu tempo. Cada falante é usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Nesse sentido, podemos constatar que a língua é instrumento privilegiado da projeção da cultura de um povo. O vocábulo cultura deve ser aqui apreendido como o “conjunto das criações do homem que constituem universo humano (...), no qual, (...) as línguas são produtos da cultura para permitir a comunicação social. As mudanças na cultura determinam mudanças lingüísticas” (Câmara Jr, 1986, p. 87).

A língua, no sentido mais corrente, é um instrumento de comunicação, ou seja, é um sistema de signos específicos dos membros de uma comunidade. No interior de uma mesma língua, podemos encontrar variações que são do ponto de vista sincrônico, igualmente importantes: a) para os níveis de língua: fala-se em língua familiar, elevada, técnica, erudita e popular, próprias de certas camadas sociais, de certos grupos; b) para as variações geográficas: fala-se em dialetos ou patoás¹. Além disso, podemos encontrar uma gama enorme de aspectos que podem ser verificados, tanto na língua falada quanto na escrita.

No que concerne a um estudo acerca da língua falada, não se deve realizar uma análise lingüística sem levar em conta os diferentes tipos de variações existentes dentro de cada sistema lingüístico, pois, corre-se o risco de produzir uma pesquisa incompleta.

Por isso, optamos por uma visão sociolingüística neste trabalho, voltando-nos para uma sistematização dos dados lingüísticos, pois a consideramos essencial para uma investigação que focaliza o emprego concreto da língua no seio da comunidade de fala.

¹ “um dialeto social reduzido a certos signos (fatos fonéticos ou regras combinatórias) utilizado somente numa área reduzida e numa comunidade determinada, em geral, rural.” (Dubois, 1993, p. 562)

Assim, seguimos a linha teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, que visa à descrição da estrutura e a evolução da língua dentro de um contexto social.

Baseamo-nos, nesse estudo, no modelo de análise denominado Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, proposto por Labov (1972), o qual traz a concepção de que cada falante apresenta características próprias e gerais que são reflexo da comunidade em que vive. De acordo com tais afirmações procedemos o nosso estudo fonético-fonológico do falar belenense.

No que concerne às pesquisas sociolinguísticas brasileiras, vimos que, no campo de descrição fonético-fonológica, morfológica e sintática, há inúmeros trabalhos desde a década de 60, nos quais diversos autores têm feito suas análises tentando esclarecer os diversos aspectos que formam a língua portuguesa, verificando as formações dos falares regionais, e seus aspectos sociais, avaliando-os em diversas camadas e faixas etárias.

Já existem outras dissertações, teses e trabalhos acadêmicos que abordam as variações ocorridas em caracteres fonéticos/fonológicos na tentativa de delimitar áreas dialetais, mas poderíamos dizer que tal variação ainda não foi suficientemente descrita, se levarmos em conta uma perspectiva realista a respeito da extensão territorial do Brasil.

Assim, visamos, de modo geral, a descrever a variação fônica do fonema /s/ pós-vocálico ocorrida no português falado por informantes belenenses; a fim de analisar a pronúncia atual desses falantes, a partir da distribuição das quatro variantes (alveolares, palatais, glotal, e zero fonético) pelos itens lexicais, além de verificar a frequência e probabilidade dos grupos de fatores lingüísticos e extra-lingüísticos (usando para isso os programas Varbrul) que poderão influenciar e condicionar o fenômeno pesquisado. Em última instância, pretendemos estabelecer comparações entre os resultados obtidos no estudo da fala dos informantes de Belém com os de outros trabalhos que analisaram o

mesmo fenômeno em falantes de vários pontos lingüísticos do Brasil².

Para Arantes (1986), o estudo sistemático das variações formalizou-se somente no século XIX, época em que as investigações no campo de pesquisa da linguagem eram dominadas pelo Positivismo, e se desenvolveram segundo métodos histórico-comparativos.

A variação lingüística do /s/ pós-vocálico, até o presente momento, permanece como um atrativo campo de trabalho de análise científica na região Norte, porque, embora haja em outras regiões do Brasil (como o Sudeste e o Sul, por exemplo) outras pesquisas sobre esse assunto, ainda não foram exauridos todos os questionamentos.

A região Norte desenvolveu poucos estudos acerca da variação sociolingüística, por esse motivo apresenta-se ainda como um vasto campo de pesquisa científica. Portanto, a escolha do tema “Variação do /s/ pós-vocálico na fala de Belém” para dissertação, constituiu-se a partir de dois pontos:

(i) por estar vinculado a um projeto maior denominado “O Atlas Geosociolingüístico do Pará”, que visa à construção de um atlas lingüístico. Deste modo, torna-se necessário traçar as características da fala de diversos municípios paraenses, sendo que Belém é o primeiro pólo urbano dos 9 municípios urbanos e 52 municípios rurais a serem estudados pelo projeto, sendo também o mais desenvolvido, de fácil acesso e mais populoso;

(ii) por não haver nenhum trabalho desenvolvido na área de Belém que aborde esse tema sob a visão teórico-metodológica da Teoria da Variação, como já mencionamos anteriormente, embora já existam estudos realizados sobre o /s/ pós-vocálico em outros falares brasileiros. Então essa pesquisa vem, principalmente, contribuir no desenvolvimento dos estudos sociolingüísticos, ajudando, portanto, a colocar o falar belenense no contexto da dialetologia brasileira. No campo variacionista justificamos a preferência por esse

² Exatamente a variação fônica do /s/ pós-vocálico ocorrida nas cidades: de Recife, de Salvador, de Porto alegre, do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Brasília.

procedimento metodológico por tentarmos desenvolver uma descrição sistemática do fenômeno analisado, estabelecendo relação entre os fatores lingüísticos e extra-lingüísticos.

Detectamos no *Corpus* de Belém quatro realizações fonéticas do /s/ pós-vocálico³:

- as alveolares [s, z], tidas como as variantes padrões, conservadoras;⁴
- as palatais [ʃ, ʒ] (chiante), consideradas como conservadoras e de prestígios;
- a glotal [h], tida como inovadora;
- o zero fonético [ø], historicamente, ligado ao falar rural.

Desenvolvemos, de acordo com as variantes identificadas, soluções hipotéticas⁵ para resolver os questionamentos levantados durante a coleta, a transcrição e a análise dos dados.

a) Sobre os grupos de fatores lingüísticos supomos que:

* No contexto fônico posterior:

- a pausa favorecerá o uso das variantes palatais [ʃ, ʒ];
- a vogal favorecerá a utilização das alveolares, especificamente a alveolar [z];
- a consoante bilabial favorecerá o uso das alveolares, especificamente da alveolar [s];
- e a consoante sonora interna à palavra favorecerá tanto o uso da glotal [h] quanto o apagamento [ø].

* Em relação ao grau de tonicidade:

- a sílaba tônica favorecerá o uso das alveolares, da glotal e do zero fonético;

³ Usaremos o termo alveolares e palatais para nos referirmos as duas variações: a surda e a sonora, quando uma variável independente influenciar somente uma das variantes será especificado, alveolar [s] e [z], palatal [ʃ] e [ʒ].

⁴ Conferir nomenclatura usada por Silva Neto, 1979: p. 566.

⁵ Todas as hipóteses apresentadas têm por base os trabalhos realizados por Câmara Jr (1986), Vieira (1983), Canovas (1996), Scherre & Macedo (1991).

- a sílaba átona favorecerá o uso das palatais.

b) Em relação aos grupos de fatores extra-lingüísticos ou sociais, supomos que:

- a faixa etária de 15-25 anos usará mais as alveolares;

- o apagamento [ø] será favorecido pelos informantes que estão na terceira faixa etária (mais de 46 anos);

- quanto ao fator sexo, os informantes femininos tendem à utilização da variante de prestígio, no caso, as palatais;

- e os informantes pertencentes à classe baixa usarão mais a glotal e o zero fonético do que a classe média.

A dissertação aqui realizada subdividi-se nas seguintes partes:

- a introdução é uma breve apresentação do trabalho;

- a parte denominada de “Apresentação do município de Belém” possui um pequeno histórico da fundação da cidade, incluindo alguns aspectos culturais, sociais e econômicos;

- a terceira parte descreve o suporte teórico-metodológico usado neste estudo, mostrando também uma revisão bibliográfica do tema;

- a quarta parte — a metodologia — aborda os procedimentos metodológicos relativos à coleta, à transcrição, à identificação do fenômeno estudado, à seleção e à codificação dos dados;

- a quinta parte apresenta a análise do comportamento variável do /s/ pós-vocálico foi inserida na quinta parte. Nela há os registros dos comentários sobre o pacote computacional, que foi utilizado no processo analítico, com os resultados fornecidos pela análise binária e o capítulo comparativo, no qual comparamos Belém com outras cidades;

- a última parte contém as considerações finais da pesquisa (conclusão), a devida bibliografia e os anexos correspondentes.

2 APRESENTAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BELÉM

Labov (1972) estabelece que nos estudos lingüísticos em áreas urbanas devemos, primeiramente, realizar o levantamento do contingente populacional da área que se pretende estudar e, posteriormente, efetuar a seleção do grupo representativo desse contingente populacional. Neste capítulo, seguimos esses procedimentos metodológicos para apresentarmos, sucintamente, informações de aspectos relevantes sobre Belém — local da pesquisa — no sentido de tentarmos descrever o contexto social que serve de base à pesquisa proposta.

2.1 Aspectos gerais

A cidade de Belém foi fundada no dia 12 do mês de janeiro de 1616 por Francisco Caldeira Castelo Branco, antigo capitão-mor do Rio Grande do Norte, que, partindo do Maranhão, como chefe de uma expedição de 200 homens, em três caravelas — Santa Maria da Candelária, Santa Maria da Graça e Assunção —, fundou à cidade no lugar chamado Forte do Castelo. O fortim de madeira recebeu o nome de “*Presépio*”, em cujo o interior foi levantada uma capela para o culto religioso, sob o nome de Nossa Senhora da Graça.

Francisco Caldeira Castelo Branco, embora soldado de Felipe da Espanha, sob o julgo de quem se achava Portugal à época, não esqueceu que a expedição estava a cargo dos portugueses e, desse modo, deu às novas terras conquistadas a dominação de “Feliz Lusitânia”, colocando-as sob a proteção de Nossa Senhora de Belém.

Na tropa de Francisco Caldeira Castelo Branco encontrava-se Pedro Teixeira, cujo nome está ligado à exploração do Amazonas, como mais famoso conquistador de sua

época. Pedro Teixeira viajou por terra, de Belém ao Maranhão, para levar a notícia do feito, trazer alimentos e provimentos de guerra, e registrar em nome de Portugal as novas terras. Ele venceu as lutas contra os índios Tupinambás e Pacajás e contra os invasores estrangeiros — holandeses, ingleses e franceses —, a cidade perdera a primitiva denominação de “Feliz Lusitânia”, passando a ser “Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará”, para a qual Felipe da Espanha concedera o *status* de capitania.

Belém não poderia subsistir, como principal ponto de apoio para Portugal, se não houvesse em torno a lavoura de mantimentos. Assim, instalados no Forte do Presépio, os portugueses/colonos, que foram trazidos para iniciar os trabalhos agrícolas, a cargo de mão-de-obra escrava. Paralelamente, foram deslocados alguns missionários destinados a contatar os índios das redondezas. Entre esses dois grupos, colonos e missionários, manifestou-se uma luta pela posse do índio e que, logo iniciada, provocara conflitos internos. A luta foi resolvida com a vitória dos colonos e a expulsão dos missionários. Os colonos portugueses juntamente com os oficiais portugueses “mantiveram contato direto com a população indígena formando assim uma população mestiça” (Cruz, 1973: 51).

A data e o ato de criação do município de Belém perderam-se na deficiência dos documentos, como, também, ficaram esquecidos os nomes do primeiro presidente e demais autoridades que integraram a fase inicial da administração municipal. Contudo, relata Palma Muniz que há claros indícios da existência de um Senado da Câmara, a partir de 1625. Somente, em 1636 surgem os primeiros registros da história geral do Pará, no meio das agitações decorrentes da sucessão do governo da Capitania.

2.2 Estrutura urbana de Belém

O imenso patrimônio territorial de que Belém dispunha ainda nos princípios do século, formado pelas áreas de Benfica, Barcarena, Santa Izabel, Apeú, Castanhal, Inhangapi, Inhaga (São Francisco do Pará), Ananindeua, etc., foi progressivamente sendo desmembrado de suas terras, para dar origem aos municípios homônimos. Atualmente, o município de Belém conta com os seguintes distritos: Belém (sede), Icoaraci, Mosqueiro, Val-de-Cães, Outeiro e uma parte de Ananindeua. A Região Continental de Belém é formada por Belém e Icoaraci que possui uma área de 17.317,24 hectares e a região insular do município é composta por 39 ilhas, com 34.252,12 hectares, sendo que o município apresenta uma área total de 51.569,36 hectares. (Cf. anexo 01 – mapa do Pará indicando a localização de Belém)

2.3 Informes sociais e econômicos

Em seus aspectos culturais, Belém aproxima-se dos grandes centros e nos últimos cinco anos cresceu significativamente. Com quatro universidades públicas (UFPA, UEPA, FCAP, UNIPOP), uma particular (UNAMA) e duas faculdades (Cesan e Cesupa), a cidade tem sido um espaço econômico muito bom para diversos investidores, aberto à cultura e à produção científica. Em seus aspectos econômicos, evidenciamos uma fase de desenvolvimento, o que se reflete na proliferação de indústrias, lojas, “Shoppings”, que atualmente são em número de cinco (Iguatemi, Castanheira, Doca Boulevard, Yamada Plaza e Nazaré), no número de agências bancárias, na exploração do turismo ecológico, na reforma feita pela prefeitura nos principais pontos turísticos de Belém, na implantação da Macrodrenagem, na reforma e construção do novo aeroporto, no fluxo de transportes fluviais, marítimos, rodoviários e aéreos. Pelos seus portos — um grande porto e outros

menores —, Belém permite o escoamento de seus produtos, como madeira, pimenta-do-reino, castanha-do-pará, açaí, bacuri, abacaxi, ananás, farinha e outros que têm mercados garantidos no exterior e mesmo no país; esses mercados contribuíram, em grande parte, para o crescimento econômico do Pará.

Com estas informações, pretendemos situar melhor a amostra que serve de base à pesquisa que aqui apresentamos.

3 SUPORTE TEÓRICO

3.1 Variação e mudança lingüística:

A variação é um fenômeno conseqüente da propriedade lingüística de nunca ser o mesmo elemento ou de uma determinada língua jamais ser idêntica em suas formas da multiplicidade do discurso, num lugar, numa época, num grupo social, ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social.

A variação pode ser explicada diacronicamente ou sincronicamente. A variação diacrônica da língua dá lugar aos diversos trabalhos de gramática histórica; enquanto a sincrônica descreve o aspecto atual, fazendo um recorte no tempo. Dentre as análises sincrônicas, temos muitos trabalhos sociolingüísticos, os quais se ocupam em pesquisar as variações ocorrentes na linguagem humana, mediante ao desenvolvimento de descrições que levam em conta os caracteres sociais. Trabalhos sociolingüísticos que expliquem variações ocorridas como processo de mutação são inúmeros desde a década de 60. A mudança, também chamada de alteração, consiste na transformação da língua através de processos fonéticos, fonológicos, morfológicos, analógicos etc.

Dentre os vários tipos de mudanças, destacamos as mudanças fonéticas, que ocorrem quando há modificações rápidas ou lentas, as quais sofrem alguns fonemas de qualquer língua, através de processos históricos. Podemos distinguir *alterações fonéticas* de *mudanças fonológicas*, que acarretam modificações nas estruturas fonemáticas pelo aparecimento e/ou desaparecimento de um ou mais fonemas.

Os estudos das sociedades urbanas têm demonstrado que nem toda variação implica mudança, mas que toda a mudança implica variação.

Schane (1975, apud Souza 1992, p. 39) acredita que “(...) a maior parte das mudanças fônicas (na frequência) podem ser explicadas como alterações de fenômenos articulatórios (...)”.

Muitas vezes quando ocorre uma variação no espaço fônico⁶, este espaço pode propiciar certas variantes em detrimento de outras, isto é, poderá uma variante qualquer ser inibida ou favorecida em relação a sua relevância no discurso, como por exemplo a taxa de saliência; em outros casos existem variantes que se manifestam como formas padrões e não-padrões devido refletirem tendências de cunho social sendo conservadoras ou inibidoras.

Para Tarallo (1985), a língua falada é variada e heterogênea, mas essa variabilidade de fala pode ser sistematizada, através da formação de um sistema de regras variáveis. Tais regras tentam realizar a regulamentação e normalização lingüística. Portanto, para o autor, podemos descrever o que ele denominou de “caos lingüístico”, isto é, desenvolver o processo de sistematização das variantes lingüísticas.

Já no trabalho feito por Elias (1987), verificamos que as variantes podem observar diversas classificações, tais como dialeto, meio, campo. Para Campos (1983), o termo variante pode assumir várias acepções, porém foi usado, especificamente, na sociolingüística como um indicador da existência de um sistema de expressão lingüística, que depende de variáveis situacionais. Entretanto, Tarallo (1985, p. 7) ressalta que “(...) variantes lingüísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um contexto, e com o mesmo valor de verdade. (...)”. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística.

⁶ O termo fônico se aplica a todos os aspectos relativos aos sons da linguagem, tenham ou não uma importância lingüística.

O vocábulo variável foi usado na Sociolinguística pelo pesquisador Labov para indicar unidades linguísticas que estavam propícias às variações sociais ou estéticas, sendo assim mais passíveis de mudanças a longo prazo. Em Hjelmslev (1987 *apud* Canovas 1991, p.151) a palavra variante é considerada como uma forma de expressividade diferenciada de qualquer outra forma, não acarretando, por esse motivo, alteração no conteúdo em relação a essa outra.

O modelo teórico-metodológico, que serve de base para a análise dos diversos fenômenos de variação, foi desenvolvido por William Labov e apresentado em 1963, em seu estudo acerca da centralização dos ditongos em Martha's Vineyard, ilha de Massachussets, inaugurando a Sociolinguística Quantitativa, também denominada de Teoria da Variação e da Mudança Linguística .

3.2 Considerações sobre as fricativas

Muitos gramáticos antes do início do século XX já estudavam as fricativas, demonstrando seu comportamento variável. Um exemplo claro disso é a presença da variação fonológica identificada por Fernão de Oliveira, primeiro gramático da língua portuguesa, que fala a respeito de /s/: “quando pronunciamos o s, levantamos a ponta da língua para o céu da boca e o espírito (ar) assobia pelas ilhargas (lados) da língua, (ao passo que a pronúncia do z zine entre os dentes cerrados, com ‘a língua chegada a eles e os beiços apertados um do outro)”. (Oliveira, 1975, p.121)

Fernão de Oliveira apresentava em sua obra a preocupação com a pronúncia, chegando a considerar como errôneas as variações nas quais apareciam o apagamento do /s/ ou quando ocorria a pronúncia com a aspirada.

Um outro pesquisador que estudou as fricativas foi Câmara Jr. (1976a), ele ressalta que as consoantes fricativas se enriqueceram e passaram a constituir uma série diferenciada das suas originárias da língua latina. As anteriores /s/ e /z/ coarticulam na zona anterior da língua, abaixada para a arcada dental inferior, com os alvéolos da arcada dentária superior.

As posteriores /ʃ/ e /ʒ/ correspondem às consoantes articuladas no médio-palato pela zona média da língua, enquanto avança para os dentes superiores. Assim, no processo de produção dessas fricativas, ocorre um efeito de “chiamento” acústico que se desdobram com a musculatura mole.

O autor diz também que as mudanças ocorridas a partir do século XV transformaram a consoante /g/, fazendo com que esta perdesse a oclusão e adquirisse no romão lusitânico um som chiante até hoje conservado, sendo uma das origens do fonema /ʒ/.

Em um outro trabalho realizado por Câmara Jr. (1976b), está documentado que, em posição pós-vocálica, o morfema flexional de plural /s/, se encontra em oposição ao morfema zero /ø/, sendo definido fonologicamente como arquifonema /S/ das quatro fricativas (alveolares /s/ e /z/ e palatais /ʃ/ e /ʒ/).

Câmara Jr (*ibidem*, p. 93) estudou a estrutura do português falado no Rio de Janeiro e São Paulo, esclarecendo que a representação fonológica do /s/ corresponderia a pronúncia mediante a pausa. O lingüista afirma que a fala carioca, representativa da maior parte do Brasil e do português europeu, não apresenta o /s/ sibilante ante pausa. Entretanto, no português falado em São Paulo tem-se o /s/ alveolar, principalmente, perante pausa ou consoante inicial. A chiante surda /ʃ/ é predominante no dialeto do Rio de Janeiro. A consoante /z/ dá-se em frente vogal “quando se dá o fenômeno de ligação diante de vogal inicial” tanto no Rio quanto em São Paulo.

Lopez (1979, p. 97) diz não concordar com a idéia das consoantes em final de sílaba serem representadas pelos arquifonemas /R/, /L/, /N/ e /S/, como faz Câmara Júnior. Para a autora nessa posição os fonemas são especificados plenamente, pois tendem a se modificar quando estão em posição intervocálica.

Ainda de acordo com Lopez (*ibidem*, p. 116), as consoantes finais, bem como as vogais finais, estão, oposicionalmente, sujeitas a sândi⁷; sendo que as consoantes finais, em posição de travamento silábico (posição de rima), estão sujeitas à variação, principalmente o /r/, o /s/ e o /l/.

Os estudos históricos de Silva Neto (1979, p. 566) também tratam da realização do /s/ pós-vocálico, demonstrando o interesse neste fenômeno. As variantes palatais foram documentadas na língua portuguesa desde o início do século XVIII, sendo trazidas ao Brasil (Rio de Janeiro) pelos 15.000 portugueses que compunham a corte do rei D. João VI, contra uma população local de 45.000 habitantes. Callou & Marques (1975) relatam a homogeneidade das palatais na fala do carioca atingindo cerca de 85,6 % da população.

Dados pesquisados por Silva Neto (*ibidem*, p. 566) comprovam que:

“... a pronúncia portuguesa acaba em -x todas as palavras que acabam em -s: quer dizer que s final pronunciam como x, de que não quero outra prova mais que cada um observe como o -s final se pronuncia como x no meio das dicções... Não só o -s final se pronuncia com x, mas também o -z final: o que V. P. pode ver em Diz, Luiz, Fiz, etc.”
Verney (1746)

Para Silva Neto (*idem*, p. 567), o zero fonético [ø], associado à fala rude e rural fora registrado na fase do latim clássico enquanto apagamento de plural, e estando também incluso no mesmo tipo de pronúncia feita pelos camponeses quando realizam a variante glotal [h].

⁷ Este termo designa os traços de modulação e de modificação fonética que afeta a inicial e/ou o final de certas palavras, morfemas ou sintagmas. (Dubois, 1993, p. 525).

No entanto, Cedergen (1981) ressalta o fato de a glotal estar presente no espanhol americano e a coloca no mesmo patamar do português americano, em igualdade de situação de uso; essas duas variações (espanhol americano e o português) estão à frente das suas variedades européias, pois estas não possuem a forma glotal.

Uma outra visão das fricativas pode ser encontrada na pesquisa realizada por Vieira (1983). Com base na Teoria Fonológica de Chomsky, a autora desenvolveu uma análise descritiva do material fonológico e léxico-semântico do português e suas variantes faladas nos municípios de Santarém, Alenquer, Óbidos, Oriximiná e Itaituba. Vieira revelou que o sistema consonântico nos dialetos estudados tem a mesma base consonântica da língua comum, nos quais ela verificou algumas características regionais com relação às fricativas:

- [ʃ] em posição final de palavras e em posição preconsoante surda ocorre com a seguinte variação. Ex.: [ˈɔbiduʃ] ‘obidos’, [ˈkaʃku] ‘casco’
- [ʒ] em posição preconsoante sonora. Ex.: [ˈneʒga] ‘nesga’
- O apagamento do [ʃ] foi uma variação verificada em posição final de sílaba. Ex.: [ˈuʃ ˈpaʃtu] ‘os pastos’.

A pesquisadora trabalhou com uma amostra dividida em zonas, uma rural e outra urbana, estabelecendo a prioridade de localizar um informante para cada uma das divisões; sendo que esses falantes deveriam encaixar-se em três faixas etárias (30-50 anos, 51-70 anos e mais de 70), com nível escolar indo do analfabeto até 4ª série primária.

Ainda a respeito da variação do /s/ pós-vocálico, Aragão (1984) organizou uma pesquisa realizada por vários estudiosos na cidade da Paraíba sobre a formação de um atlas lingüístico do falar do povo paraibano, concluindo que:

- Ocorre uma neutralização fonológica dos fonemas /s/ e /ʃ/ em posição medial e final tônica e átona (Ex.: [s] [ˈbestɐ]⁸ e [ʃ] [ˈbeʃtɐ]), resultando no arquifonema /S/. Sendo mais freqüente a distribuição da palatal [ʃ] em posição medial tônica e átona antes de /t/ e a fricativa sibilante [s] em posição medial átona e tônica nos demais contextos e final absoluto (Ex.: [ˈɛʃtɐ], [bɛʃˈtah] e [lɛsˈkah], [ˈkaskɐ], [ˈbeʃtɐʃ]). O processo de neutralização era entendido pela autora como um sistema eliminador, ou seja, a presença de variante provocava a ausência de outra variante, neutralizando-a.

- Há neutralização fonológica dos fonemas /s/ e /z/ em posição medial e final tônica e átona (Ex.: [s] [ˈmeosˈpɛjs] e [z] [meoˈzɔlus]), tendo como resultado o arquifonema /S/. A realização do arquifonema /S/ está condicionada ao contexto fônico que o circunda. Assim, a consoante surda favorece a fricativa alveolar surda [s] e a vogal ou a consoante sonora favorece a fricativa alveolar sonora [z].

- O fonema /s/ apresenta a variante do arquifonema /S/ que tem comportamento diferenciado devido à posição que ocupa: na posição medial tônica [ˈbeStɐ] [ˈbeʃtɐ] e em posição medial átona antes do /t/ [sɛk?iSˈtã ω] [sɛk?iʃˈtã ω].

- O mesmo acontece com o fonema /z/ que possui a variante do arquifonema /S/ antes do fonema consonântico sonoro, nas posições medial tônica e medial átona, varia conforme os exemplos em posição medial (Ex.: [ˈveSga], [ˈvezga] e [ˈveʃga]) e em posição medial átona (Ex.: [raSˈgah], [razˈgah] e [raʃˈgah]).

⁸ Todas as transcrições expostas neste capítulo referem-se às adotadas pelos vários autores aqui citados e foram retiradas dos originais na íntegra.

- Há supressão do /s/ das palavras *JUDAS* e *JESUS*, pois para a população da Paraíba o fonema /s/ marca sempre o plural (Ex.: [¹u ¹ʒuda] e [¹u ʒe¹zuj]). Por esse motivo, o fonema não é falado pelos informantes retratados na pesquisa por serem representantes da linguagem informal, descontraída e popular.

Com relação ao arquifonema, Cagliari (1997) diz que este deve ser representado por uma letra maiúscula; no caso da variação na Paraíba, o arquifonema foi simbolizado por /S/. Entendemos por neutralização a oposição neutralizadora formada por um conjunto de fonemas, marcados por particularidades distintas.

Ex.: deste [¹destʃt] e desde [¹dezʃt].

A aspirada ou fricativa glotal [h] é documentada também no Rio de Janeiro e no Nordeste, entre outros Estados, Ceará (Roncarati *et al.* 1983), e em Pernambuco (Pessoa, 1986).

Tarallo (1985) revela que no português brasileiro a marcação de plural no sintagma nominal apresenta duas variantes, o [s] representando a presença do segmento fônico (marca de plural) e o [∅], significando a ausência desse segmento. Essa Segunda variante geralmente está ligada aos falantes com pouca escolaridade e/ou àqueles que não estão sujeitos às pressões sociais. Ressalta ainda que o apagamento é também uma tendência identificada na fala de informantes estrangeiros.

Em uma descrição do espanhol falado na cidade do Panamá, usado por informantes porto-riquenhos moradores na Filadélfia, Cedergren & *et al.* (1986) verificou que a variável /s/, como marca de plural, têm três variantes: o [s] (pluralidade), o [∅] (zero fonético) e o [h](aspirada).

Silveira (1986, p. 110-115) documentou em seu estudo da fonologia portuguesa a existência de aspectos relevantes quanto à distinção das fricativas. A autora aponta que o

traço distintivo marcante entre [s, z] é a sonoridade. Essa sonoridade sozinha não é suficiente se compararmos as fricativas [s, ʃ], as quais serão diferenciadas através do modo de articulação que, em português, está acumulado com o ponto de articulação (sibilante alveolar/ chiante palatal).

Em suma, a individualidade fonológica do /s/ está ligada a um conjunto de traços acústico-articulatórios: sibilante, surdo, alveolar que apesar de sua variabilidade, sempre ocupará a marginal inicial absoluta. Segundo Silveira (*ibidem*, p.69) “aos demais traços acústico-articulatórios que não distinguem signos, em português, mas que ocorrerão para manifestação de /s/ são designados variantes”. Tais variantes podem ser livres ou combinatórias.

De acordo com a pesquisadora, o /s/ pós-vocálico em posição marginal final apresenta várias bases articulatórias: [s, z, ʃ, ʒ, h].— variante combinatória. Conforme ressalta, a realização do /s/ depende do contexto fônico. Ocorre, geralmente, em junctura interna ou externa. Em contexto surdo [s, ʃ] apresentar-se-ia como [ˈkaspɑ] / [ˈkaʃpa], na norma nacional de variação e [ˈkaʃpa] no dialeto carioca. Os segmentos [z, ʃ, h], estando em junctura interna ou externa —contexto sonoro—, se manifestariam no dialeto carioca [ˈmeʒmu], na norma caiçara [ˈmehmu], na culta oral “mesmo” e na nacional [meSmU].

Silveira (*ibidem*, p. 70) considera que as variantes de um fonema podem ser descritas como normas ou livres realizações. Ela define norma como:

“(...) há frequência de realização sonora, seja por falante (norma individual); seja por um grupo social (norma grupal ou gíria); seja por falantes de uma determinada região geográfica (norma regional ou dialeto); seja por todos os falantes de uma nação (norma comum ou nacional) (...)”.

Macambira (1987) ressaltou que a fricativa alveolar sonora apresenta quatro variantes /z/ → [ʒ] ~ [s] ~ [ʒ] ~ [z], sendo que estas variações ocorrem influenciadas pelos contextos fonológicos ligados a ambientes mórficos e sintáticos.

Segue, abaixo, o quadro representativo da análise realizada por Macambira⁹:

Variantes do /z/	Contexto Sintático	Contexto Mórfico	Tanto no contexto sintático quanto no mórfico
	Entre os vocábulos	Diante de /t/ ou diante de /d/	Noutros contextos
[ʃ]	[¹ uʃ ¹ toruʃ]	[¹ paʃtɐ], [¹ teʃtu] e [¹ aʃtru]	—
[s]	—	—	[¹ vespɐ], [¹ kaskɐ] e [¹ lapɾs] [¹ teos ¹ pajs] e [¹ meos ¹ kɛjs]
[ʒ]	[¹ deʒdi] e [diʒ ¹ doru]	[¹ uʒ ¹ dias]	—
[z]	—	—	[¹ zɛlu], [¹ kazɐ] e [fɛ ¹ tazma] [¹ deʒ ¹ ɛnus] e [¹ seʒ ¹ ɔra]

Scherre & Macedo (1991), após analisarem uma amostra selecionada do *Corpus* do projeto Censo da Variação Lingüística, não puderam determinar qual seria a forma prestigiada por não possuírem elementos comprovadores disso no processo de julgamento das fricativas por parte dos próprios falantes cariocas.

Canovas (1991) notifica a ocorrência da glotal na fala de Salvador que alcançava não somente a posição /s/ pós-vocálica, mas incidia também nas fricativas /v, z, ʒ/, cabeças de sílabas. Ex.: pegava nu ônibus di quator[h]i às vinti (...). Trabalhei [h]á dimais (...) Eu istuda[h]a di tardi (...). Ela apresenta os resultados sobre uma pesquisa fônica do /s/ pós-vocálico, desenvolvida com 7.102 dados, 3.547 de /s/ e 3.555 de /v, z, ʒ/, registrados na fala de 45 informantes, distribuídos em três faixas etárias (13-20 anos, 21-45 anos e 47-70 anos) e três níveis escolares (1^o grau completo ou não, 2^o grau completo ou não e 3^o grau completo), retirados das gravações de 17 fitas cassetes e pronunciamentos de políticos e também de outras pessoas influentes, transmitidos pela televisão baiana.

⁹ Somente os exemplos foram retirados de Macambira.

Canovas (*ibidem*) utilizou dados intra-lingüísticos (qualidade do ambiente fônico, tonicidade do segmento em estudo, a escala de força de sonorização proposta por Lass) e extra-lingüísticos (escolaridade e idade), confrontando essas variáveis.

Scherre & Macedo (1991, p. 164) abordam a questão da variação e mudança com base na análise do /s/ não morfêmico, nas quatro realizações selecionadas (alveolares, palatais, aspirada e enfraquecimento), seguindo a linha variacionista, como consequência da estrutura silábica CV e CVC. Levantam o questionamento que tais variações podem ter motivações de ordem articulatória, de fonologia natural, ou motivo de ordem lexical para explicar o que ocorre com o /s/.

Gryner & Macedo (1981) constataram que, na região de Cordeiro, centro norte do Rio de Janeiro, informantes mais jovens (7-14 anos e 15-25 anos) usam as palatais mais que indivíduos mais velhos (45-70 anos). Eles relatam que não encontraram diferenças entre homens e mulheres quanto ao uso das palatais, sendo observados diferentes resultados nos mais escolarizados.

Segundo Castilho (1992), o português do Brasil apresenta características fonéticas que demonstram existir influências africanas e indígenas na língua portuguesa, das quais somente apresentamos aqui as que compreendem as fricativas. Essas características estão abaixo relacionadas:

- Característica Fonética:

O Rotacismo consiste na transformação da sibilante sonora [z] em apical [r] ou se dá quando há a transformação do [r] a partir de outra consoante, como, por exemplo, o [d] e sobretudo o [l].

- Característica Fonológica:

O português brasileiro possui aspectos fonológicos específicos envolvendo as fricativas que acarretam a ditongação da vogal tônica final seguida de -s, -z; *atrás* dito *atráís*, luz, dito *Luiz*. Essa mudança fônica, resultante de alternância sincrônica ou evolução diacrônica, deve-se à segmentação de uma vogal em duas partes, formando assim uma única sílaba. Castilho coletou dados com informantes de ambos os sexos, escolarizados e não escolarizados.

Bortoni (apud Rollemberg 1996) verificou, na fala dos brasilienses, traços da realização das palatais para as constrictivas implosivas, característica nítida da influência da variedade carioca.

Rollemberg (1996) menciona que as consoantes constrictivas em final de sílaba interna ou em final do vocábulo realizam-se em certas áreas brasileiras, sob formas variantes que se diferenciam quanto à zona de articulação, apontando a predominância em certos dialetos, de ocorrências do tipo pa[s]ta, ca[s]ca, de[z]de, depoi[s], como as variantes alveolares ou sibilantes; diferenciam-se da presença maciça das palatais, como o que acontece no dialeto carioca marcado por seu chiamento característico.

A autora realizou uma pesquisa acerca da fala de Salvador (BA), com doze diálogos entre documentador e informante, selecionados do *Corpus* do projeto NURC/Salvador, e obteve os seguintes resultados: nos dados gerais, o índice de frequência das palatais (61.41%) supera o das alveolares (38.59%); ocorrendo, basicamente, o mesmo percentual, no quatro contextos fônicos analisados (em sílaba final diante de consoante não-sonora, em sílaba interna diante de consoante não-sonora, em sílaba final diante de consoante sonora e em sílaba interna diante de consoante sonora).

Hora & *et al.* (1996) assegura que, em posição pós-vocálica, a consoante sibilante [s] em final de sílaba deve ser interpretada na sua subjacência como /z/, em face da alternância existente, como no exemplo: voz [s] - vozear [z]. Antes de uma consoante surda, geralmente, na mesma posição (palavra) ou com sândi na palavra seguinte na pré-pausa, o [s] tende a ser realizado como [ʃ] no dialeto carioca. Antes de consoante sonora na mesma palavra ou na seguinte, o /s/ pós-vocálico é realizado como [ʒ]. Antes de vogal que inicia a palavra seguinte é [z].

Callou & Marques (1996) analisaram, com base no modelo quantitativo laboviano (Sankoff, 1988), trinta inquéritos do tipos DID (Diálogo entre o documentador e informante) do *Corpus* do projeto NURC/Brasil, distribuídos por quatro regiões geográficas (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, das três faixas etárias diferentes (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante), com os dois sexos: masculino e feminino. Verificaram também a ocorrência de quatro variantes do /s/ pós-vocálico em ambientes lingüísticos (modo de articulação do segmento subsequente, ponto de articulação do segmento subsequente, caráter surdo ou sonoro do segmento subsequentes e classe do vocábulo) e extra-lingüísticos (sexo, faixa etária e origem geográfica).

Os autores afirmam que o /s/ pós-vocálico em distribuição nas cinco capitais, não considerando a posição dentro do vocábulo (posição média ou final), ocorre da seguinte forma:

“Em São Paulo ocorreu o predomínio absoluto da realização da alveolar, no Rio de Janeiro, por outro lado, predominou a realização da fricativa palatal (cerca de 82.5%, com o peso relativo de .93), comportando-se Recife de forma semelhança, embora com percentual mais baixo de palatalização (69.5%). Salvador, por sua vez, apresenta uma distribuição homogênea das duas variantes (45 % da palatal e 44% da alveolar, com o peso relativo de palatalização de .42).” (*ibidem*, 1996, p. 138)

Mollica & Gonçalves (1996) constataram haver estabilidade da aspirada em posição pós-vocálica, demonstrando que o fenômeno em questão é uma marca regional (fala carioca), próprio de informantes que não estavam sujeitos às pressões sociais sobre o seu desempenho lingüístico.

Elas afirmam que:

“A análise em tempo real permitiu demonstrar que houve queda da aspirada no segundo tempo encabeçada por um grupo de informantes mais jovens, que deram prosseguimento aos estudos, chegando, quase todos, ao grau mais alto de escolaridade (nível superior) ao ingressarem no mercado de trabalho. Os demais informantes, que não há mudanças significativas em suas vidas, mantiveram uma incidência de aspiração semelhante à do 1º tempo” (Mollica & Gonçalves, 1996: 154)¹⁰

3.3 Considerações sobre os estudos apresentados acerca da variação do /s/ pós-vocálico no português do Brasil

Apresentamos várias pesquisas realizadas nas diferentes regiões do Brasil que relatam o mesmo tema (variação do /s/ pós-vocálico), registramos aqui diversos enfoques: Câmara Jr (1976a e 1976b) no Rio de Janeiro; Callou & Marques (1996) com seu estudo sócio-comparativo envolvendo os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Porto Alegre e Bahia; Canovas (1991) com a descrição do falar baiano; Rollemberg (1996) na Bahia; Vieira (1983) em Belém; Aragão (1984) na Paraíba; Tarallo com as descrições do português do Rio de Janeiro e São Paulo; Silveira também no Rio de Janeiro; Scherre & Macedo (1991) e (1996) no Rio de Janeiro; Greyner & Macedo (1991) na Região de Cordeiro; alguns trabalhos históricos (descritivos) como a pesquisa de Oliveira (1975) no século XVI; Silva Neto (1979) com seu estudo histórico no século XX e Macambira (1987) com sua análise fonológica etc.

Todas essas pesquisas analisaram o /s/ pós-vocálico segundo os mesmos

¹⁰ 1º estado de tempo-amostras de trabalhos sobre variação fonológica do Censo (Naro, 1986) e 2º. estado de tempo da amostra Censo Revisitada com informantes do censo/82, porém coletadas 1988, observando os

pressupostos teóricos - a metodologia laboviana -, como é o caso de Callou & Marques (1996) e Canovas (1991) e (1996), ou usaram pressupostos teóricos diferentes — Fonologia Gerativa, Geo-sociolingüística, histórico-comparativo— como por exemplo, Vieira (1983), que se baseou na Teoria Fonológica de Chomsky.

Apesar de os autores citados nessa seção e/ou na parte teórica, tenham ou não abordado as mesmas correntes lingüísticas, estes conseguem mostrar aspectos lingüísticos brasileiros, isto é, indicam características das diversas variedades brasileiras, apontando aspectos de diferenciação regional, pontos específicos e gerais no falar brasileiro, no que diz respeito ao /s/ pós vocálico.

4 METODOLOGIA

Neste trabalho descritivo da variação do /s/ pós-vocálico no português falado em Belém, seguimos os procedimentos metodológicos da “Teoria da Variação Lingüística” (Labov, 1972). O estudo aqui desenvolvido é de cunho sociolingüístico baseado também em Mollica (1992).

Labov (*ibidem*, p. 183-90) apresenta a noção de variabilidade, baseada na heterogeneidade e diversidade da língua, contrapondo-se às visões saussuriana e chomskiana, que admitem a língua como um sistema homogêneo. O autor concebe a existência da ciência da linguagem vinculada aos fatores sociais, sendo que esta ciência considera o falante/ouvinte real como membro de comunidade de fala, usuário de um idioleto, ligado ao dialeto da localidade em que está inserido.

O Sociolingüista desenvolveu um novo modelo teórico-metodológico, o qual pudesse criar uma regra variável que se aplicasse ou não à estrutura lingüística, visando aos aspectos sociais da comunicação, por não existir esse elemento na gramática gerativa. Assim, ele preconiza os estudos desenvolvidos com o método de análise quantitativa nos estudos sociolingüísticos, propondo uma relação “entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (Tarallo, 1985 p. 7).

4.1 Formação do *Corpus* lingüístico

A recolha do *Corpus* lingüístico foi feita através de entrevistas e depoimentos do tipo DID (Diálogo entre documentador e entrevistado), realizadas por mim e por outros cinco bolsistas¹¹ de Iniciação Científica PIPES, CNPq e por uma bolsista CAPES, em prévio trabalho de campo na capital do Estado, Belém. O *Corpus* é composto de 25 fitas cassetes de 60 minutos cada, totalizando 25 horas de gravação.

¹¹ Bolsistas PIPES José Pinheiro, Marta Freitas, Heloísa Nascimento, Andreia Souza; Bolsista CNPq: Rita Vasconcelos e

Esse *Corpus* conta, atualmente, com 50 informantes, dos quais somente 42, sendo 21 homens e 21 mulheres, foram utilizados nesta descrição. No processo de triagem dos informantes, adotamos os fatores sociais¹² sugeridos por Labov (1966) e Tarallo (1985). Os informantes foram selecionados a partir dos seguintes critérios:

- Foram gravados entrevistas e depoimentos com moradores nascidos na localidade de Belém, filhos de pais belenenses, que não tivessem saído do município por mais de três meses e que tivessem viajado pouco para fora do Estado, sendo que a duração desta viagem não poderia ter ultrapassado mais de três meses. Foram adotados esses critérios extralingüísticos para se ter uma amostra mais representativa da população belenense.
- Apresentam idades que variam entre os quinze e oitenta anos, são moradores das quatro zonas geográficas que compõe a cidade de Belém;
- Possuem níveis de escolaridade diferenciados e estão distribuídos em duas classes sociais (cf. anexo 02 Tabela Geral).

4.2 Estratificação da amostra

Optamos pela estratificação das amostras anteriormente recolhidas com base nas características sociais preestabelecidas, tais como: escolaridade, sexo, faixa etária e classe social.

a) Escolaridade¹³:

(i) Não-escolarizado—correspondendo ao indivíduo que não possui nenhum conhecimento sobre o alfabeto, aquele que não sabe ler nem escrever.

(ii) Primeiro grau completo/incompleto—correspondendo ao indivíduo que

¹² Sexo, faixa etária, escolaridade, tempo permanência em localidade.

¹³ Não coletamos dados com informantes de 3º grau, pois teríamos que aumentar o número de informantes da

cursou as oito séries do antigo currículo escolar, atualmente, denominado de Ensino Fundamental.

(iii) Segundo grau completo/incompleto—correspondendo ao indivíduo que cursou as três séries do antigo currículo escolar, atualmente, denominado de Ensino Médio. Abaixo quadro representativo dos fatores escolares:

Quadro A

Fator Escolaridade	Número de Informantes		Subtotal
	M	F	
Não-escolarizado	7	7	14
1o. grau completo/incomp.	7	7	14
2º grau completo/incomp.	7	7	14
TOTAL	21	21	42

Preferimos adotar as denominações do antigo currículo escolar pelo fato da reformulação curricular ter acontecido após o início dessa pesquisa, e também por facilitar aos informantes a identificação das séries cursadas.

b) Faixa etária:

(i) 15 a 25 anos—são os indivíduos da sociedade que se encontram à procura do primeiro trabalho, desenvolvendo nessa fase de vida a formação básica.

(ii) 26 a 46 anos—são aqueles indivíduos que estão executando atividades profissionais bem definidas, atuando no mercado competitivo com experiência profissional.

(iii) mais de 46 anos—os indivíduos que ainda exercem atividades profissionais, mas se encaminham para uma aposentadoria; pelo menos, se não estão todos aposentados, apresentam perspectivas disso.

Quadro B

Faixa Etária	Número de Informante		Subtotal
	M	F	
15-25 anos	7	7	14
26-46 anos	7	7	14
Mais de 46 anos	7	7	14
TOTAL	21	21	42

c) Classe social:

Segundo Ramos (1997), torna-se um pouco difícil caracterizar um indivíduo como pertencente à sociedade brasileira em classes sociais se só considerarmos a renda que esse indivíduo possua.

Abaixo mostraremos a divisão em dois grupos, masculino e feminino associando-

Quadro C

Classe Social			Subtotal
	M	F	
baixa	9	9	18
média	12	12	24
TOTAL	21	21	42

Ramos (*ibidem*) relata que, para realmente separarmos indivíduos por classes sociais obtendo um respaldo científico e lógico, devemos considerar certos aspectos, tais como: renda mensal, o total de bens, o tipo de moradia (casa própria ou alugada). Se, por exemplo, uma família que chamamos de **família A** é formada por um casal, na qual o marido e a esposa trabalham, esse casal teria uma renda diferente de uma **família B**, formada por um casal com filhos, na qual somente o esposo seja o provedor do lar.

De acordo com as afirmações acima, consideramos o indivíduo como pertencente à classe baixa o que é assalariado - preferencialmente, o indivíduo que more em casa alugada, sendo responsável pelo sustento da família-, recebendo um salário mínimo ou uma renda familiar até R\$ 1.000,00 (mil reais) ou o autônomo que possui uma baixa renda mensal, pois trabalha em subemprego.

Consideramos o indivíduo pertencente à classe média o informante que recebe uma renda fixa maior que R\$ 1.000,00 (mil reais) - preferencialmente mora em casa própria -, não seja único provedor da família e possua bens materiais, tais como carro, e, algumas vezes casas em outros lugares.

d) Fator sexo:

O estudo dos grupos de fatores masculino e feminino é proposto por Nina (1991). A lingüista ressalta que há diferenciação de sexo atua para nos processos de variação e mudança, em algumas comunidades as mulheres estão predispostas o uso da

apud Silva, 1991, p. 102) ressalta que, para se coletar os dados na apresentando se à comunidade como um indivíduo interessado em aspectos sociais, históricos ou comportamentais do lugar. Várias recomendações devem ser seguidas pelo

(i) os dados devem se inquéritos e depoimentos adquiridos com informantes (falante-fala;

a pesquisa, dando explicações demasiadas acerca do trabalho que desenvolve, como, por

(iii) o pesquisador deve evitar chamar demasiada atenção para si ou para sua a do estudo;

naturalmente.

Corpus

do Pará, no período de 1996/1997, através de entrevistas e depoimentos com temas optados pelos encaixassem nos critérios sociais contidos na estratificação da amostra.

zamos a coleta em quatorze bairros residenciais de Belém, divididos entre as quatro zonas geográficas da cidade (cf. anexo 03).

4.4 As entrevistas

Cerca de 80% das entrevistas foram realizadas nas casas dos informantes, 10% foram realizadas nos locais de trabalho dos informantes e 10% em outros lugares (casa de um parente do informante ou escola, na qual ele estudava). Essas entrevistas e depoimentos foram gravados em fitas cassetes de 60 minutos, totalizando 25 horas de gravações de fala espontânea ou natural, das quais 21 horas foram analisadas neste trabalho, o que corresponde à meia hora de gravação para cada um dos 42 informantes.

Vale salientar que, no primeiro contato, não efetuávamos as gravações, porque buscávamos antes explicar a finalidade social da pesquisa e da necessidade de que a entrevista fosse gravada. Depois que o informante aceitava o uso do gravador, marcávamos a entrevista, conforme a sua disponibilidade (cf. anexo 04, Roteiro com os temas das entrevistas).

Destacamos que, apesar de os informantes saberem previamente que seriam entrevistados, isso não causou nenhum problema, pois se expressaram sem inibição, totalmente à vontade com os entrevistadores.

Embora tivéssemos um roteiro prévio para a realização das entrevistas, quando um informante manifestava interesse por um determinado assunto fora do planejado, esse assunto era incluído à entrevista. Dependendo dos assuntos, os entrevistados tornavam-se mais desembaraçados e entusiasmados, parecendo-nos que esqueciam que estavam sendo gravados.

Nina (1991, p. 71) aponta que dependendo do tema, o falante pode se manifestar de maneira a propiciar ou não um estilo natural. Como os assuntos abordados nas entrevistas e nos depoimentos foram sempre de escolha dos informantes, eles falavam naturalmente.

4.5 Os dados lingüísticos

Todo o material recolhido no processo de coleta de dados e usado neste trabalho é constituído das quatro variantes fonéticas do /s/ pós vocálico:

ʃ] [ʃ paj zalunv]

- [majh ʃ v be)

[ø] [ʃ ʃ ε ʃ s]

- [ma zeø ʃ n ʃø

Esses dados foram retirados de seis contextos fonológicos, extraídos dos itens

desenvolvimento dessa pesquisa.

silábico são:

2. Antes de consoante sonora interna à palavra;
3. Antes de consoante surda em juntura;
5. Antes de vogal;
6. Antes de pausa.

Os contextos sugeridos por Canovas (1991, p. 30) e foram também utilizados nos grupos de fatores.

4.6 Transcrição dos dados lingüísticos

Para fazermos o registro da pronúncia do /s/ pós vocálico da forma mais próxima possível de suas realizações fonéticas, transcritos em fitas cassetes que compõem o *Corpus* de dados, pedimos geralmente auxílio de outro lingüista. Adotamos esse procedimento para controlar melhor o som identificado.

Os dados apresentados neste trabalho forma transcritos foneticamente com os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), obedecendo às características desse tipo de alfabeto. (Cf. anexo 05)

4.7 Quantificação dos dados lingüísticos

Para obtermos uma análise mais específica dos dados de pesquisa, desenvolvemos a análise quantitativa baseada no conjunto de programas computacionais denominados de Varbrul.

Segundo Scherre (1992, p. 1):

“Os programas varbrul foram desenvolvidos com o objetivo de implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico a dados lingüísticos variáveis, analisando sob a perspectiva da Teoria da Variação lingüística de Labov”.

Os programas Varbrul proporcionam, como produto final de suas operações matemáticas, probabilidades vinculadas aos diversos grupos de fatores que constituem as variáveis dependentes e independentes estudadas, medindo o peso relativo de cada um dos fatores apresentados sobre a regra analisada. Esse grupo de programas foi desenvolvido pelo pesquisador David Sankoff em 1973. Tais programas estão preparados para fazer a leitura do *Corpus* em arquivo de dados, operando através de análises probabilísticas que, ao final das operações, proporcionam a seleção dos grupos de fatores indicados por ordem de relevância conforme os resultados estatísticos apresentados.

O programa seleciona os grupos de fatores a serem trabalhados através de diversos níveis de comparação entre os grupos de fatores, fornecendo os números dos níveis de análise dependentes conforme o número de grupos de fatores.

Os programas Varbrul utilizados como suportes metodológicos no desenvolvimento deste trabalho têm como base os modelos logísticos introduzidos por Rousseau & Sankoff (1978), aplicando o conhecimento de outras áreas e introduzindo-o à lingüística.

Segundo Naro (1992), esse modelo não apresenta suporte teórico, e é referido por seus autores como uma “convenção analítica”. O modelo logístico veio para tentar suprir as falhas que havia em modelos anteriores.

4.8 Codi

com regras binárias. Quando em um estudo temos somente duas variantes, usamos a regra de aplicação ou não aplicação de variante dependente, marcada por ausência ou presença.

arquivo específico e um arquivo de condições, podemos processá-
makecell e Ivarb, respectivamente. No caso de a variante dependente ser do tipo enária
-se utilizar os processadores de dados “Tvarb” (até três variantes) e “Mvarb” (mais de

O fenômeno de variação aqui estudado consiste numa análise do tipo enária, no
contexto fônico do /s/ pós-
uma análise binária da variação estudada apresentando o seguinte esquema:

ʃ, ʒ]; glotal [h].

∅]; palatais [ʃ ʒ]; glotal [h].

Palatais [ʃ ʒ] que se opõem ao apagamento [∅]; alveolares [s, z]; glotal [h].

Glotal [h] que se opõe às alveolares [s, z]; palatais [ʃ ʒ]; apagamento [∅].

Cada variante corresponde a uma regra de aplicação, estando em oposição às

Portanto, a aplicação de uma variante (por exemplo, as palatais / / e /ʒ
implica a não-

Codificamos também cada ocorrência -vocalico em função dos fatores

binárias. Todas as variáveis dependentes e independentes receberam símbolos diferentes. Os
caracteres contidos na codificação
minúsculas, números, acentos, exceto os que fazem parte do Varbrul.

margem de erro. Abaixo está um exemplo dos dados codificados.

...eli tinha um bunituz olhus (+) ^le i ^l nɛ ^lu bɲitu ^lzo ^lu ʃ]

(1rgavK~FA2b+¹⁵ eli tinha um bunituz olhus

1 indica a presença das variantes alveolares [s, z]

¹⁴ Conferir anexo 06 símbolos usados na transcrição grafemática.

¹⁵ Conferir codificação geral no anexo 07.

- r** indica caracter sonoro do segmento posterior
- g** indica adjetivo (classe morfológica do vocábulo que contém a variante)
- a** indica que o segmento que contém as variantes é átono
- v** indica segmento posterior antes de vogal (contexto fonológico)
- K** indica vogal média (grau de altura)
- ~** indica vogal posterior (zona de articulação do segmento posterior)
- F** indica informante feminino
- A** indica faixa etárias de 15 a 25 anos
- 2** indica 1^o grau (escolaridade)
- b** indica informante de classe baixa
- +** indica mais interação (frequência na fala)

4.9 Variáveis dependentes

Consideramos como variáveis dependentes as quatro variantes fonéticas do /s/ pós-vocálico (alveolares, palatais, aspirada ou glotal, o zero fonético ou apagamento). Com base na observação dos dados, verificamos que a ocorrência da variação do /s/ pós-vocálico está condicionada por elementos contextuais lingüísticos (fatores estruturais) e extra-lingüísticos (fatores sociais). Canovas (1991) afirma que tal variação não é aleatória e considera que muitos elementos influenciam a ocorrência desse fenômeno lingüístico. Observando tal afirmação, desenvolvemos os fatores estruturais e sociais que formam nossas variáveis independentes.

4.10 Variáveis independentes

Segundo Labov (apud Freitas, 1996, p. 103) denominamos de variável independente um grupo de fatores estruturais e sociais suscetíveis de tomar diferentes valores. Esses grupos de fatores ajudarão a identificar os contextos que favorecem ou desfavorecem a ocorrência de uma variável dependente. A partir dessa afirmação e dos dados coletados na pesquisa de campo, definimos 11 grupos de fatores para avaliarmos o

efeito de cada fator na aplicação da regra de variação do /s/ pós-vocálico. No total, contando com a variável dependente, temos 12 grupos de fatores.

4.10.1 Os grupos de fatores lingüísticos ou estruturais

4.10.1.1 A natureza do caráter surdo ou sonoro do segmento posterior

Callou (1991) postula que há um grau considerável de favorecimento do caráter sonoro no segmento que apresenta a variação. Verificamos se esse grupo de fatores se apresenta como condicionador na variação do /s/ pós-vocálico na fala belenense.

1º Fator: caráter surdo e 2º Fator: caráter sonoro.

4.10.1.2 A influência da tonicidade que contém o segmento

Considerando o traço de tonicidade como uma característica que pode influenciar e governar a variação aqui estudada, verificamos esse grupo de fatores de acordo com estudo de Callou & Marques (1991) e Campos (1983).

1º Fator: átono e 2º Fator: tônico.

4.10.1.3 A natureza da classe do vocábulo no qual ocorre a variação

De acordo com o que foi postulado por Callou & Marquês (1991), há classes de vocábulos favorecedores ou desfavorecedores na variação do /s/ pós-vocálico. Conforme seus registros de cinco capitais brasileiras, tal variável é um forte elemento condicionador.

1º Fator: adjetivo 2º Fator: advérbio 3º Fator: numeral

4º Fator: pronome 5º Fator: artigo 6º Fator: verbo

7º Fator: substantivo 8º Fator: preposição 9º Fator: conjunção

4.10.1.4 A natureza do ambiente fônico posterior do /s/

Foram detectados seis contextos fônicos posteriores que podem condicionar a ocorrência da variação do /s/ pós-vocálico. Segundo Canovas (1996, p. 69) as "constritivas se comportam diferentemente de acordo com o contexto do /s/ pós-vocálico". O contato com esses dados e com outras literaturas acerca do assunto sugeriu que o contexto fônico pudesse ser um dos fatores de favorecimento ou desfavorecimento da aplicação das regras de variação. Tomando também como modelo as variáveis estudadas por Rollemberg (1993) e Canovas (1996), organizamos os grupos de fatores abaixo:

1° Fator: antes de consoante sonora interna à palavra

2° Fator: antes de consoante surda interna à palavra

3° Fator: antes de consoante sonora em juntura

4° Fator: antes de consoante surda em juntura

5° Fator: antes de pausa

6° Fator: antes de vogal

Consideramos o termo juntura como uma fronteira lingüisticamente pertinente entre dois segmentos, sílabas, morfemas, sintagmas ou frases. Portanto a juntura tem um valor demarcativo, delimitativo e deve ser classificada entre os elementos supra-segmentais ou prosodemas.

4.10.1.5 Modo de articulação do segmento posterior vs. o grau de altura do elemento vocálico vs. pausa

Embasando-nos na observação dos dados e adotando, parcialmente, as variáveis postuladas por Scherre & Macedo (1991), Callou & Marques (1996), em suas investigações sobre o /s/ pós-vocálico, preferimos averiguar o efeito do modo de articulação das consoantes no contexto posterior no primeiro grupo de fatores e a influência do grau de altura das vogais no contexto fônico posterior no segundo grupo de fatores.

1. Modo de articulação do segmento posterior.

1° Fator: oclusivo 2° Fator: fricativo 3° Fator: nasal
4° Fator: lateral 5° Fator: vibrante 6° Fator: africado

2. grau de altura do segmento vocálico posterior.

1° Fator: alta 2° Fator: média 3° Fator: baixa

3. Tempo de duração da Pausa

1° Fator: breve 2° Fator: longa

4.10.1.6 Ponto de articulação do segmento posterior vs. posição relativa da língua

De acordo com as variáveis estruturais abordadas por Callou (1996), Scherre & Macedo (1991), decidimos averiguar o grau de favorecimento e desfavorecimento do ponto de articulação das consoantes no primeiro grupo e das vogais no segundo grupo de fatores.

1. Ponto de articulação das consoantes.

1° Fator: bilabial 2° Fator: labiodental 3° Fator: alveolar
4° Fator: palatal 5° Fator: velar 6° Fator: glotal.

2. Posição relativa da língua na boca horizontalmente (caraterísticas das vogais) .

1° Fator: anterior 2° Fator: central 3° Fator: posterior

4.10.1.7 Grau de interação

O grau de interação, estudado por Santos (1989), consiste em considerar a interação existente entre a ocorrência das variantes (variáveis dependentes) e os grupos de fatores condicionadores no fenômeno da variação (variáveis independentes), ou seja, marca se uma variante ocorre no mesmo contexto várias vezes. Portanto, quando houve mais de cinco ocorrências consideramos *maior a interação* (maior frequência), menos de cinco ocorrências *menor interação* (menor frequência).

1° Fator: mais frequência 2° Fator: menos frequência

4. 10. 2 Os grupos de fatores sociais ou extra-lingüísticos

Segundo Labov (1975, p. 123) “um informante deve ter características específicas —sua idade, educação e seu histórico de residência são importantes para uma análise social”.

4. 10. 2.1 Sexo

Fisher (1958) relata ter verificado, em seus estudos, que a forma de maior prestígio é mais frequentemente usada por informantes mulheres do que informantes homens. Mollica (1996) aponta as mulheres como sendo usuárias de variantes inovadoras, sendo favorecedoras de nova forma; entretanto outros lingüistas concluem pela liderança masculina no que concerne à inovação. Levando em conta as afirmações anteriores, decidimos considerar a variável sexo como um grupo de fatores concorrentes para um comportamento heterogêneo favorável à variação.

1° Fator: masculino 2° Fator: feminino

4. 10. 2.2 Faixa etária

Kemp (1979 *apud* Sankoff & Cedergren 1981) ressalta que homens e mulheres falam diferenciadamente, conforme a faixa etária em que estejam. Ela diz que a interação entre sexo e idade pode revelar inúmeras diferenças lingüísticas entre homens e mulheres, sendo encontradas maiores diferenças nas faixas avançadas. Nas faixas mais jovens essas diferenças são menos evidentes. Considerando os postulados referidos por Kemp (1979) optamos por considerar a variável faixa etária como um grupo de fatores que pode favorecer ou desfavorecer a variação do /s/ pós-vocálico.

1° Fator: 15-25 anos 2° Fator: 26-45 anos 3° Fator: + de 46 anos

4.10.2.3 Escolaridade

Adotamos a escolaridade como uma variável social que pode interferir na variação do /s/ pós-vocálico, baseando-nos no pressuposto de Viegas (1986), no qual ressalta que qualquer indivíduo que tenha recebido educação poderá sedimentar mais concretamente regras de uso lingüístico e outro indivíduo que tenha recebido menos educação ou nenhuma, poderá sedimentar poucas ou nenhuma dessas regras.

1° Fator: analfabeto 2° Fator: 1° grau 3° Fator: 2° grau

4.10.2.4 Classe social/renda

Adotamos essa variável classe social/renda como um dos grupos de fatores independentes que pode influenciar e condicionar a variação estudada, pois baseando-nos nos postulados de Scherre & Macedo (1991), a classe pode influenciar a ocorrência do fenômeno em estudo.

1º Fator: baixa 2º Fator: média

Abaixo exemplificamos cada um dos grupos de fatores por nós estudados:

Quadro D - Distribuição dos Grupos de Fatores

GRUPO DE FATORES	EXEMPLOS	
	Transcrição Grafemática	Transcrição Fonética
Caráter surdo	FA1m (...) t in <u>outras coisas</u> (...)	[t j 'otraʃ 'kojzɐʃ]
	MA1b(...) <u>GOSTu</u> maiz o <u>menuS</u> (++) (...)	['goʃtu maj 'z o 'menuʃ]
	FA1b (...) fui prá <u>mosqueru</u> (...)	['fuj 'pra mos 'keru]
Caráter sonoro	MA2b (...) ai <u>dipoiz</u> dissu (++) eu fui (...)	['aj ʒu 'pojz ʒisu 'eow 'fuj]
	FA2b (...) umaS <u>seizoraS</u> (+) (...)	['ma ʃ sej 'zoraʃ]
	MB3b (...) noS somu <u>oituzirmãu</u> (...)	['noʃ 'sɔmu 'ojtuz ih 'm(ɛ)w]
Átono	FC1b (...)maz <u>infelizmenti</u> (+)	[ma 'z feli ʒm 'ɲi]
Tônico	MC1b (...) mi <u>diz</u> uma coisa <u>augusta</u> (...)	['mi ʒi 'z ma 'kojzɐ ɐw 'guʃtɐ]
Adjetivo	FC2m (...) tinha <u>maus</u> <u>elementos</u> naquele lugar (...)	['ɲ -ɐ mɐw 'ze ɛm t vʃ]
Advérbio	MC2m (...) eu <u>maiz</u> gostu di passíá (...)	['eow 'majz 'goʃtu ʒi pəsi 'a]
Pronome	FC3b (...) <u>noizi</u> <u>eli</u> tavu lá isperandu (...)	['noʒ 'zi 'e 'i 'tavu lɔ 'pɛ 'r(ɛ)ɲv]
Numeral	FC2b (...) eu tenho <u>dois</u> filhos (+) (...)	['eow 't -v 'doʒʃ 'fi 'vʃ]
Preposição	MC3b (...) <u>antiø</u> era tudu maiz organizado (...)	['ɲ(ɛ)ʃvø 'ɛra tudu maj 'zɔhɛ(ɲ)izadu]
Verbo	FB2b(...) <u>fah</u> nove ano que moramo aqui no bairro (...)	['fah 'nɔvɪ 'anvø 'ki mo 'ramu a 'ki 'nu 'bajhu]
Artigo	MB2b (...) <u>os</u> meninos saem cedo de (...)	['uʒ m ' - n vʃ 'sa 'sedv 'ʒu]
Conjunção	FB3b (...) <u>ma</u> num sei si eli vai (...)	['maø 'nu) sej 'si 'e 'i 'vaj]
Substantivo	FB2m (...) essas <u>meninas</u> di hoji t in trabalhu e <u>estudu</u> e num querim nada cum nada (...)	['ɛsɛʒ m ' - n ɛʒ ʒu 'oʒɪ 'tej trɛ 'ba 'v 't ɪ ʃtud 'nu) kɛr 'nadɛ 'ku) nadɛ]
Antes de consoante surda interna a palavra	FB3b (...) <u>vestido</u> branco eu num quero mais (++) só pras minhas filhas (...)	[vɪ ʃ 'ʃidv 'br(ɛ)ku 'eow 'nu) kɛru 'majʃ 'sɔ 'praʃ 'm pɛʃ 'fi 'ɛʃ]
Antes de consoante sonora interna a palavra	MB1b (...) era eu só de <u>bisneto</u> (...)	['ɛra 'eow 'sɔ 'ʒi biz 'netu]
Antes de consoante surda em juntura	FB2m (...) <u>às vezes</u> <u>sim</u> (+) eu podia chegá tarde (...)	['aʒ 'vezɪ ʃ 's 'eow pu ʒia ʃɛ 'ga 'tahʒu]
Antes de consoante sonora em juntura	MC2m (...) <u>maø</u> <u>não</u> atrás dela (...)	['maø 'n(ɛ)w 'vo ɛ 'traʒ 'dɛɪɐ]
Antes de vogal em juntura	FC2m (...) <u>mais</u> o sonhu das pessoa no tempo di hoje (...)	['maj 'zv 'sõɲv 'daʃ pɛ 'soɛ 'nu 'tepv 'ʒu 'o ɪ]
Antes de pausa	MA2b (...) as condições <u>financeras</u> (+) cu:turais e <u>religiosas::</u> (++) as amizadis podi (...)	['aʃ kõʒi 'sõjʃ f n (ɛ) 'sɛɾɛʃ ku 'turaʃʃ 'ɪ reli 'giozɐʃ a 'z(ɛ)mizadʒɪ ʃ 'poʒɪ]
Oclusivo	FA2b (...) <u>depois</u> dissu t in <u>outras coisas</u> (+) essas minina só pensu nisso (...)	[de 'pojz ʒisu 't j 'oøtraʃ 'kojzaʃ 'ɛsaʒ m ' - nɛ 'sɔ 'p s v 'nisu]
Fricativo	MC2m (...) perdeu um filho de sei ano de idade (+) faz <u>uns vinte</u> dia (+) eu disse não chora é assim mehmú (+) (...)	[pɛh 'deow 'v 'fi v 'ʒu 'sejø '(ɛ)h ʒu 'idaʒu 'faz 'vʒ 'v ʃɪ 'ʒia 'eow ʒɪst 'n(ɛ)w 'ʃora 'ɛ 'asi 'mehmu]
Nasal	FC2m (...) tava com <u>seis meses</u> de grávida	['tavɐ 'k 'seiz 'mezɪʒ ʒu 'gravidɐ]

	(...)	
Lateral	FB3m (...) deu mais liberdade pra mim (...)	[¹ deu ¹ mayʒ libeh ¹ daʒu ¹ pra ¹ m]

GRUPO DE FATORES	EXEMPLOS	
	Transcrição Grafemática	Transcrição Fonética
Vibrante	MB3m (...) lá <u>nos rios</u> (+) nos iguarapés nadava nú (...) comia peixe (+) sempre de férias	[¹ la ¹ nuʒ ¹ hioʃ ¹ nuʃ ¹ igara ¹ peʃ ¹ n ¹ dav ¹ nu ¹ k ¹ mia ¹ peʃ ¹ t ¹ s ¹ pr ¹ i ¹ ʒu ¹ feriaʃ]
Africado	MC2b (...) as <u>moças di vestidu</u> cumpridu i todo todus elegantis mesmu (...)	[¹ a ¹ mose ¹ ʒi ¹ ve ¹ ʒidv ¹ k ¹ pridv ¹ t ¹ todv ¹ duz ¹ e ¹ le ¹ g ¹ e ¹ ʒi ¹ me ¹ mu]
Alta	FC2b (...) <u>nóz i</u> a família do do du meu maridu da:: dona Julieta (+) eu morei cum ela antis di casá (+) por issu nós gostamu dela(...)	[¹ no ¹ zi ¹ a ¹ fe ¹ mi ¹ ie ¹ do ¹ do ¹ du ¹ meo ¹ me ¹ ridu ¹ da ¹ dõne ¹ u ¹ liet ¹ e ¹ e ¹ mo ¹ rej ¹ k ¹ e ¹ la ¹ e ¹ ʒi ¹ ʒu ¹ ke ¹ za ¹ po ¹ risv ¹ n ¹ g ¹ ʃ ¹ tamuø ¹ d ¹ el]
Média	MB2m (...) i::: ajudá <u>meus irmãus os</u> que precisam(...)	[¹ i ¹ e ¹ u ¹ da ¹ meo ¹ zihme ¹ øz ¹ ki ¹ pr ¹ siz]
Baixa	FB2m (...) <u>mai a</u> mãi sempri nãu vai saí por eli intãu eu podia tá erradu comu fô ma a minha saí por mim (...)	[¹ majø ¹ a ¹ me ¹ s ¹ pr ¹ i ¹ ne ¹ ʋ ¹ vaj ¹ saj ¹ poh ¹ e ¹ i ¹ e ¹ ʋ ¹ podie ¹ ta ¹ e ¹ hadv ¹ kõmu ¹ fo ¹ maø ¹ a ¹ m ¹ - me ¹ saj ¹ poh ¹ m]
Pausa breve	FB1m (...) <u>sãu boas</u> (+) que é (++) principaumentu o açai né'(...)	[¹ sø ¹ ʋ ¹ boa ¹ ki ¹ e ¹ pr ¹ sip ¹ e ¹ ʋ ¹ m ¹ ʒu ¹ ʋ ¹ a ¹ saj ¹ ne]
Pausa longa.	MB1b (...) pelas pessoas qui eu gostu (+) e::: tudo <u>foi fetu pelas</u> (++) (...)	[¹ pe ¹ e ¹ pe ¹ soe ¹ ki ¹ e ¹ ʋ ¹ g ¹ t ¹ i ¹ tud ¹ fo ¹ fet ¹ pe ¹ e]
Bilabial	FC1b (...) naquela época era são Jerônimo (+) OJI é governadô José maucher lá elis / <u>meus pais muravu</u> (...)	[¹ ne ¹ ke ¹ e ¹ e ¹ ep ¹ u ¹ ke ¹ e ¹ re ¹ se ¹ ʋ ¹ e ¹ rõn ¹ m ¹ ʋ ¹ o ¹ i ¹ e ¹ goveh ¹ ne ¹ do ¹ o ¹ ze ¹ maø ¹ eh ¹ la ¹ e ¹ i ¹ meo ¹ pay ¹ mu ¹ ravv]
Labiodental	FB3m (...) <u>muitus foru</u> imbora di bel in/ us amigus mais antigu(...)	[¹ mujtv ¹ for ¹ b ¹ re ¹ ʒi ¹ be ¹ l ¹ j ¹ uz ¹ migvz ¹ maj ¹ ze ¹ ʒiguø]
Alveolar	MA3b (...) são <u>ah vezis sãu</u> genti di dentru du bairru qui:: qui:: roba (...)	[¹ sø ¹ ah ¹ vezi ¹ se ¹ ʋ ¹ g ¹ ʒu ¹ ʒu ¹ d ¹ tr ¹ v ¹ du ¹ bajhv ¹ ki ¹ ki ¹ hob ¹ e]
Velar	MA1m (...) nau era iscola di primeru grau'' istudava num grupo iscolá im frenti daø gaiolas <u>dus galos</u> (...)	[¹ ne ¹ ʋ ¹ e ¹ ra ¹ i ¹ kol ¹ e ¹ ʒu ¹ pri ¹ meh ¹ ʋ ¹ graø ¹ i ¹ tu ¹ dav ¹ e ¹ nu ¹ grupv ¹ i ¹ k ¹ la ¹ i ¹ fr ¹ ʒu ¹ daø ¹ ga ¹ i ¹ le ¹ d ¹ galv]
Palatal	FA1m (...) mas fico muito <u>mais cheio</u> depois qui chuveu (...)	[¹ ma ¹ fi ¹ ko ¹ mujtv ¹ maj ¹ eiø ¹ de ¹ poj ¹ ki ¹ u ¹ veø]
Anterior	MA2b (...) <u>poizé</u> ele fui imbora cum outra (+) é por issu qui eu queru ir (...)	[¹ poj ¹ ze ¹ e ¹ i ¹ fu ¹ b ¹ ra]
Central	FA3b (...) <u>mazaí</u> ele já tava mortu (+) dividu a picada di cobra (...)	[¹ ma ¹ zaj ¹ e ¹ i ¹ a ¹ tav ¹ e ¹ mohtv ¹ ʒu ¹ vidv ¹ a ¹ pi ¹ kad ¹ e ¹ ʒi ¹ kob ¹ re]
Posterior	MC1b (...) tipu <u>õnibuzoij</u> im dia so qui num tinha istufadu era u ferru mehm (risos) (...)	[¹ ʒi ¹ p ¹ ʋ ¹ õnibu ¹ zo ¹ i ¹ ʒia ¹ s ¹ ki ¹ n ¹ ʒu ¹ ne ¹ i ¹ tu ¹ fadv ¹ era ¹ ʋ ¹ f ¹ hu ¹ mehmv]

5 ANÁLISE DOS DADOS LINGÜÍSTICOS

5.1 Considerações gerais

Optamos por desenvolver uma análise binária dos dados, para evidenciarmos melhor a força competitiva que ocorre entre as variantes. O estudo desenvolvido recorre à análise estatística de variáveis dependentes com múltiplas variantes.

Sankoff (1988) faz a seguinte recomendação sobre a pesquisa estatística que envolve variáveis múltiplas:

“(...) Quando há múltiplas variantes, nem sempre está claro se elas poderiam ser consideradas como tendo sido geradas simultaneamente, ou se certas distinções entre as variantes são decididas antes de outras. Esta parte do problema clássico de ordenação de regras pode ser estudada através de uma análise de uma regra variável. A outra parte do problema, a questão de qual é a forma subjacente, não pode ser resolvida pela análise estatística de escolha condicionada (...)” (Sankoff, 1988, p. 995)¹⁶

A pesquisa feita aqui recorre aos modelos de ordenação de regras propostos por Nina (1991), que trabalhou o alteamento e o abaixamento de vogais médias pretônicas, e Cedergren *et al.* (1986), que descreveu a variável plural do espanhol falado no Panamá. Tal ordenação torna-se necessária por termos quatro variantes para serem pesquisadas binariamente. Estas foram dispostas em regras de aplicação ou não-aplicação, representadas no seguinte quadro:

¹⁶ “When there are multiple variants, it isn’t always clear whether they should be considered as having been generated simultaneously, or whether certain distinctions among the variants are decided before others. This part of the problem of rules ordering can be studied through variable rule analyses. The other the part of problem, a question of what forms underline what, cannot be approached through statistical analyses of conditioned choice data”.

Quadro E - Regras de ordenação

Regras para a variação do /s/ em Belém	Regras para a variação do /s/ no Panamá
1. [s, z] opõem-se a [ø]; [ʃ, ʒ]; [h]	1. [s], [h], [ø]
2. [ʃ, ʒ] opõem-se a [ø]; [s, z]; [h]	2. [s], [h, ø]
3. [h] opõe-se a [s, z]; [ʃ, ʒ]; [ø]	[h], [ø]
4. [ø] opõe-se [s, z]; [ʃ, ʒ]; [h]	3. [h], [s, ø]
	[s], [ø]
	4. [ø], [s, h]
	[s], [h]

Embora tenhamos quatro variantes que poderiam ser analisadas no “Mvar”, escolhemos o “Ivarb”, na variação estudada, por ser um programa que, primeiramente, comporta o número de dados que temos e também seleciona as variáveis relevantes à descrição por grau de significância automaticamente, proporcionando uma ordenação eficaz e exata.

Juntamente com o processador “Ivarb”, adotamos para as análises binárias o “Crosstab” que imprime um cabeçalho próprio, registrando o cruzamento de variáveis duas a duas, apontando os resultados em percentagem.

O “Crosstab” identifica as frequências absolutas e relativas associadas às variantes e aos fatores da variável independente. Qui-quadrado, o cruzamento de variáveis e as significâncias pertencentes ao “Crosstab” somente podem ser calculadas para os dados binários, ou seja, para o “Ivarb”.

Naro (1992) enfatiza que no desenvolvimento de uma análise binária, se devem calcular os pesos relativos para as regras de ordenação, observando os seguintes aspectos:

“(…) os pesos relativos de acordo com o modelo logístico costumam ser interpretados como favoráveis à aplicação da regra, se forem superiores a 0,5; como inibidores, se forem inferiores a 0,5; e como neutros, se forem iguais a 0,5. Entretanto, é necessário sempre o fato de que a solução numérica da equação logística é até certo ponto arbitrária (...)” (p.132)

Após o processo de rodagem dos dados no sistema computacional Varbrul através do “Ivarb”, obtivemos os resultados analíticos acerca da variação do /s/ pós-vocálico, os quais serão apresentados em percentuais e probabilidades. Segundo Mollica (1991), geralmente, os critérios apresentados pressupõem dois pólos distintos: um, próximo a 100, fortemente favorecedor da regra de aplicação da variação em estudo; e um outro pólo, próximo a zero, sendo desfavorecedor do fenômeno, ou seja, quanto mais perto do peso relativo 0,100 maior será o condicionamento de um grupo qualquer na regra de variação; quanto mais perto do zero, menor será a influência do grupo postulado. A área marcada com a pontuação de 0,50 ou por suas cercanias¹⁷ será neutra ou irrelevante.

5.2 Fatores lingüísticos

Tabela 01 - Frequência global das variantes

Variantes	Aplicação	Não-aplicação	Total	Percentagem
Alveolares [s] [z]	909	3046	3955	23%
Palatais [ʃ] [ʒ]	2766	1189	3955	69%
Glotal [h]	83	3872	3955	3%
Zero fonético [∅]	197	3758	3955	5%

Na tabela 01, mostramos a frequência global das quatro variantes do /s/ pós-vocálico, na qual percebemos que as ocorrências das palatais são mais frequentes nos dados, apresentando o percentual de 69%, seguidas pelas alveolares 23%, ocorrendo essas duas pronúncias com mais frequência; as formas menos frequentes são a variante glotal e zero fonético com respectivamente 3% e 5%.

¹⁷ A área de cercania definida por Votre (1993: p. 34) como peso relativo bem próximo a 0,50, consta das seguintes probabilidades: 0,47; 0,48; 0,49; 0,50; 0,51 e 0,52.

Segundo Scherre & Macedo (1991), houve mudanças no tempo real no /s/ pós-vocálico. Este fato é comprovado pela documentação feita acerca da variação na língua portuguesa, no período da colonização brasileira, em 1600, no qual os colonos utilizavam as variantes alveolares, havendo uma gradual passagem às palatais, vigente desde o ano 1806, fortemente influenciada pela chegada da corte de D. João VI.

Cardoso (1996, p. 181) declara ser inegável a identificação do português do Brasil com o português do Sul de Portugal, pois aparecem traços fonéticos e fonológicos que assemelham os dois dialetos.

Cintra (1983, p. 101-03 *apud* Cardoso, 1996) traz em seus trabalhos evidências desta semelhança; como é o caso da redução do ditongo /ey/ e /oœ/, a ausência do fonema africado /v/ ou ainda a presença exclusiva da constrictiva surda /ʃ/ e a existência de um sistema formado por duas sibilantes, uma surda e outra sonora.

5.2.1 Os segmentos fônicos na pronúncia do /s/ pós-vocálico

O ambiente fônico possui grande importância no esquema analítico aqui desenvolvido, já que condiciona variações interna e externamente no vocábulo, ocasionando aparecimento, desaparecimento ou mudanças de fonemas e morfemas.

Um exemplo claro desse condicionamento é encontrado no dialeto falado em Salvador, estudado por Rollemberg (1996, p. 171), o qual exhibe as consoantes constrictivas em distribuição implosiva: com uma frequência alta das variantes palatais (61.41%) superando as alveolares (38.59%). Essa alta frequência se deve ao contexto fonológico de ocorrência, isto é, “em final de sílaba interna não-sonora, como ca[]co, em final de vocábulo diante de consoante não-sonora, em exemplo do tipo trê[] casos, em final de sílaba diante consoante sonora, como em ra[]ga e em final de vocábulo diante de consoante não-sonora como em doi[] grupos.”

A autora ressalta que diante de pausa as alveolares (alveolar [s] - 55.86%)

superam as palatais (palatal [] - 44.145), sendo esse o único contexto fônico favorecedor das alveolares.

Segundo Scherre & Macedo (1991, p. 165), certas modificações fogem ao padrão da língua, por isso o apagamento do /s/ é considerado resultante de procedimentos de enfraquecimento deste segmento. Por causa da articulação fonética, muitos falantes tendem na fala informal fazer uma pronúncia mais frouxa ou de menor esforço.

Esse é o caso do /r/ no infinitivo como em [ʒi¹ze], [fe¹ze] e do /s/ pós-vocálico na fala belenense, o qual postulamos que enfraqueça em decorrência de determinadas ambientações e correlações, apagando-se, posteriormente.

Por esse motivo consideramos o apagamento desse segmento somente quando ocorre a sua eliminação da forma básica. Ex.: 1-MB2m [¹meømu¹eω¹vi]

Reafirmamos que não alocamos às nossas células os vocábulos representantes do /s/ morfêmico do plural no sintagma nominal e nem como morfema de primeira pessoa do plural no sintagma verbal, como está demonstrado nos exemplos em negrito abaixo:

Ex.: 2-MB3m [¹aʃ **pe** | soaø¹se)ω¹maj n¹tadεʃ | ke)du¹se)ω¹ʒiʃ | krεteʃ], [¹nojʒ
vimuø¹e¹ʌ], [¹uø¹nõmiø¹duø¹meωʃ | fi¹uø¹ε e)tõniω¹ʌ¹ari ω]

Baseando-nos nos autores acima citados mostraremos os dados dos /s/pós-vocálico na fala de informantes belenenses na distribuição pelo contexto fônico posterior:

Tabela 02 - Influência do contexto fonológicos posterior

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Antes de cons. sonora interna a palavra	Frequência	10/174= 1%	88/174= 51%	39/174= 22%	46/174= 26%
	Peso relativo	0,06	0,28	0,93	0,66
Antes de cons. surda interna a palavra	Frequência	86/608= 14%	512/608=84%	04/608= 1%	06/608= 1%
	Peso relativo	0,53	0,67	0,47	0,45
Antes de cons. sonora em juntura	Frequência	12/863= 2%	735/863=85%	31/863= 4%	76/863= 9%
	Peso relativo	0,17	0,64	0,70	0,76
Antes de cons. surda em juntura	Frequência	71/903= 8%	807/903=88%	02/903= 1%	23/903= 3%
	Peso relativo	0,41	0,73	0,22	0,64
Antes de vogal	Frequência	714/838=85%	83/838= 10%	04/838= 1%	37/838= 4%
	Peso relativo	0,96	0,37	0,06	0,27
Antes de pausa	Frequência	16/569= 3%	541/569=94%	03/569= 1%	09/569= 2%
	Peso relativo	0,27	0,79	0,46	0,63

Na tabela 02, temos a camada mais significativa retratando a influência do contexto fonológico posterior como índice condicionador na variação examinada.

Ao analisarmos os dados desta tabela, averiguamos que, antes de consoante sonora interna à palavra, há favorecimento tanto da glotal (3-FB1m ...*mehmo* assim eu pensu qui u casamentu vali a pena... — ['*mehm*u a's 'eω 'p s u 'ki 'v kaza'm tu 'val ɪ 'a 'p n e]) quanto do apagamento [ø] (4-FA1b- ...*baøta* eu fazê alguma coisa que a mamãe começa a briga (++) nem percebi que eu tenho 19 anos... — ['*baøt* 'eω f 'ze aω'gum 'kojza 'kɪ 'a 'mam } 'brig]), com os pesos relativos de 0,93 e 0,66. Sendo que se observarmos o grau de significância, a glotal é mais favorecida que o zero fonético.

Nas variantes alveolares [s, z] e nas palatais [ʃ, ʒ], os dados mostram que o fator em questão é insignificante, porque apresentam um peso muito baixo, perto do zero, assim atuando desfavoravelmente.

Antes de consoante surda interna à palavra encontramos as palatais —

especificamente a palatal surda [ʃ]— (5-MB2m- é u qui eu mais gostu (...) - [ʔ 'v 'ki 'e ω 'maj 'g ʃtu]) favorecidas com um peso relativo de 0,67, estando desfavorecidas as outras três variantes (alveolares 0,53; glotal 0,47 e o zero 0,45).

Apontamos que nos dados antes de consoante sonora em junção provoca influencia no fenômeno da variação do /s/ pós-vocálico de maneira que condiciona as presenças das palatais (0,64) — especificamente a palatal sonora [ʃ] — da glotal (0,70) e do zero fonético (0,76), como o que ocorre nos seguintes exemplos:

(6) FB3m (...) aí garôta pidiu meu lápiz di cô (...)

[ʔj g 'rot pi'dʌ ω 'meω 'lapiz 'ʔʃi 'co]

(7) MB1b (...) mehmu num sei si eli vai (...)

[ʔ'mah 'nu)'sej 'si 'e 'i 'vaj]

(8) MB3b (...) maiø boa vontadi (...)

[ʔ'majø 'boa vø'ta i]

O contexto fonológico de consoante sonora em junção também provoca a ausência das alveolares (0,17). A variável contexto fonológico — consoante surda em junção — favorece ao mesmo tempo as variantes palatais (0,73) — especificamente a palatal [ʃ] — o apagamento (0,74), enquanto desfavorece o uso das alveolares e da glotal (0,41 e 0,22).

As variantes alveolares (0,96) são favorecidas pela vogal — especificamente a alveolar [z] —, pois apresentaram uma altíssima polarização, permanecendo em zona negativa a glotal (0,06), as palatais (0,37) e o zero fonético (0,27). Ex.: (9) FC1b (...) maiz o menus (+) uns três dias (...)

[m j'z0 'menuʃ ' nʃ 'tr j ' i[]]

(10) FA1m (...) maøeli veiu atraiz (+)

['maø 'eʔ 'vei 'traɪ]

No exemplo 09 vemos a alveolar sonora [z] antes de vogal e no exemplo 10 o apagamento que ocorreu seguindo de vogal.

A pausa é definida por muitos autores como silêncio ou suspensão momentânea na cadeia de fala. Este silêncio normalmente coincide com uma articulação mais ou menos importante do raciocínio.

A pausa polariza as palatais (0,79), despolarizou as alveolares, a glotal e o zero fonético. Os resultados, obtidos na realização da análise binária nos dados do /s/ pós-vocálico dentro da variável contexto fonológico posterior, apontaram a permanência desse grupo de fatores nas quatro rodadas feitas, sendo, por isso, considerado muito polarizado. Os resultados obtidos com a rotação do Varbrul comprovam a hipótese número (i)¹⁸. Os exemplos abaixo ilustram melhor estes resultados:

(11) FC2m (...) essas crianças (++) é assim danada (...)

['ɛsaʃ kri'eʃɛʃ 'ɛ a's d ẽ'nadɐ]

Nesse exemplo ocorre a influencia da pausa longa, a qual proporciona a presença da palatal [ʃ].

(12) MC1b (...) quando eu era criança eu pegava o bonde pra São Bráz (+) (...)

[k̃ du 'eɔ 'ɛr kri'ẽs 'eɔ pɛ'gav 'u 'bõʒu 'pra 's̃ɔ 'brajʃ]

Neste outro exemplo ocorreu a influencia da pausa breve, que também favorece a palatal [ʃ].

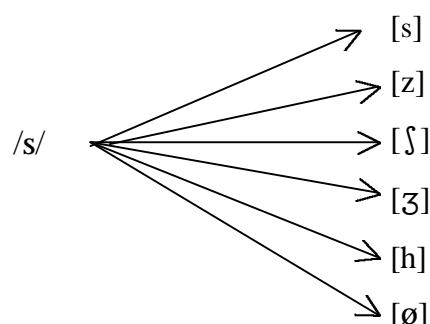
¹⁸ No contexto fônico posterior, a pausa favorecerá o uso da variante palatal; a vogal favorecerá a utilização das alveolares e a consoante sonora interna a palavra favorecerá tanto o uso da glotal quanto o apagamento.

Assim, comparando as nossas hipóteses com a proposta desenvolvida por Gryner & Macedo (1981), os quais ressaltam que a variação do /s/ pode ser um processo que obedece à passagem por etapas ou por mudanças diretas. Eles lançaram uma hipótese que justifica tal pensamento:

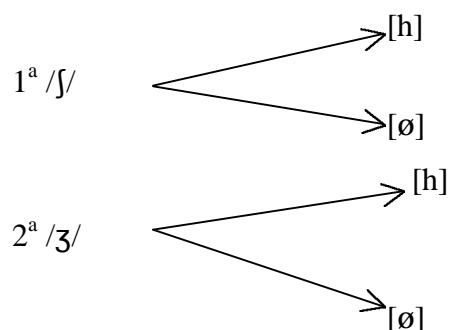
$$1^a \quad \begin{bmatrix} s \\ z \end{bmatrix} \rightarrow [h] \rightarrow [f]$$

Para os autores, o fenômeno da variação do /s/ pós-vocálico seria um processo gradativo, no qual o enfraquecimento do /s/ estaria ligado aos estágios que, necessariamente, haviam de ser cumpridos, como foi demonstrando na hipótese acima.

Essa hipótese seria até aceitável se os nossos dados não apresentassem concomitância das variantes (alveolares, palatais, glotal e o zero fonético) no mesmo nível de idioleto, como está exemplificado abaixo:



Percebemos uma tendência maior da seguinte ocorrência:



Obs.: Tentaremos elucidar essas e outras hipóteses no decorrer das análises.

5.2.2 Grau de interferência da tonicidade

Tabela 03 - Tonicidade

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Tônica	Frequência	524/2036= 26%	1291/2036= 63%	74/2036= 4%	147/2036= 7%
	Peso relativo	0,58	0,47	0,71	0,44
Átona	Frequência	385/1919= 20%	1475/1919= 77%	09/1919= 0%	50/1919= 3%
	Peso relativo	0,50	0,56	0,28	0,56

Notamos na tabela 03 que o grau de tonicidade da sílaba que contém o segmento variante proporciona uma efetiva polarização, ocasionando uma forte competição nas variáveis dependentes. A glotal e as alveolares são impulsionadas pela sílaba tônica, favorecidas pelos seguintes pesos relativos: 0,71; 0,58; no entanto, o mesmo não acontece com as variantes palatais (0,47) e o zero fonético (0,44), porque elas têm um peso relativo baixo.

Os exemplos a seguir confirmam tais afirmações:

(13) FC1b (...) mehmú qui na vo:ta (++) fossi um sufocu prá vim' (...)

[¹mehmu ¹ki ¹na ¹vota ¹fost ¹su ¹foku ¹pra ¹v]

(14) FA3b (...) ah vezis quando eli chegava bebadu i batia na mamãe eu mi (+) (...)

[¹ah ¹veziʃ ¹k(ɛ)ɪv ¹e ¹ʃe ¹gav be¹badu ¹i ba¹tʃia ¹na ¹m(ɛ)m(ɛ) ¹eo ¹mi]

(15) MB2m (...) seiz oras di viagi (+) eu passu minhas férias lá (...)

[¹m ¹eʃ ¹sei¹zɔraʒ ¹ʒi ¹viaʒi ¹eo ¹pasu ¹m ¹ɲeʃ ¹fɛriɛʒ ¹la]

(16) FB2b (...) maz eu nãu sei si eli arrumô ôtra pessoa (+) (...)

[¹maz ¹eo ¹n ¹õ ¹sej ¹si ¹e ¹i hu¹mo ¹otr ¹pe¹so]

(17) MA1m (...) dez até c in até dozi.(...)

[**ˈdɛzɛtɛ** ˈs j ˈɛtɛ ˈdozi]

Os dados em negrito na transcrição revelam que, nos exemplos 13 e 14, houve a ocorrência da glotal com predominância em sílabas tônicas. Nos exemplos 15, 16 e 17, mostramos as ocorrências que justificam a alta incidência das alveolares em sílabas tônicas.

Na sílaba átona há o favorecimento das palatais e do apagamento que apresentam peso relativo igual (0,56), reforçando ainda mais a segunda e a terceira hipóteses levantadas na página 60.

A glotal (0,28) está em desfavorecimento e as alveolares encontram-se em posição neutra, ou seja, a probabilidade de 0, 50 não é significativa, pois não favorece e nem desfavorece o uso de tal variante.

Em relação à sílaba átona, foi mostrado um posicionamento igualitário às palatais e ao apagamento, como confirmam os trechos transcritos a seguir:

(18) MA2b (...) cum aS peessoaZ nãu fazi mau pruz otrus (+) e sim pruz pra si (...)

[ˈk ˈaʃ ˈpɛsoaʒ ˈnɐ̃u ˈfazi ˈmau ˈpru ˈzotruʃ ˈi ˈs ˈpru ˈpra ˈsi]

(19) FA1m (...) iscondidihu prá mim nam rá era melho (+) poque é::: (...)

[iʃ ˈkõdi ˈd ˈpɾa ˈmi nɐ̃mu ˈra ˈɛra mɛ ˈo ˈpøkɛ ˈɛ]

(20) FB3b (...) eu queria um vistidu brancu (+) maz agora nãu' (...)

[ˈɛu ˈkɛria ˈu ˈviʃ ˈʃidu ˈbr ˈku ma ˈzag rɛ ˈn ˈu]

(21) MC1b (...) caçigu' num gostu dissu (...)

[kaø ˈʃigu ˈɛu ˈn ˈgoʃtu ˈʒisu]

(22) MB1m (...) maiz anti era rebeudi (...)

[maj ˈzɛ ˈʃiø ˈɛra hɛ ˈbɛuʒu]

Os exemplos 18, 19, 20, 21 e 22 todas a sílabas átonas favoreceram as palatais ou o apagamento.

Na tentativa de esclarecer e confirmar os resultados obtidos na execução do “Varbrul” acerca da influência da tonicidade na variação do /s/ pós-vocálico, analisamos também no *Corpus* da pesquisa o processo de convergência e interação¹⁹ fornecido pelo “Ivarb”. O resultado desse processo para a tonicidade esclarece ele tem significância nível 3, isto é, reportando três variáveis simultaneamente (tonicidade, ambiente fônico e sonoridade). Esse procedimento indicou um aumento elevado no peso relativo nas variantes alveolares (0,59) e glotal (0,73) em sílaba tônica, alcançando semelhante efeito da elevação nas variantes palatais (0, 61) em sílaba átona.

De acordo com Gryner & Macedo (1981), a tonicidade não demonstrou ser preeminente para a mudança na fala carioca, na região de Cordeiro. Isto talvez tenha ocorrido devido à conjunção mas e o advérbio mais serem sempre considerados como átono e tônico respectivamente.

Canovas (1996, p.189) afirma que a tonicidade não é determinante no apagamento do /s/, devido não haver relevância numérica nas sílabas [+ Ac.] (mais acentuadas). Os dados indicaram que, das 3.547 ocorrências do /s/ pós-vocálico, 2.198 estavam em Si [- Ac.] (sílabas átonas) contra apenas 1.349 que estavam em Sil [+ac.], interna à palavra.

Os resultados registrados por Canovas (1996) opõem-se aos de Guy (1981, p. 292), nos quais Guy relaciona a tonicidade (sílabas tônicas) como uma óbvia inibidora dos processos de variação.

5.2.3 A influência da sonoridade

De acordo com Souza (1992, p. 40), segmentos sonoros apresentam a tendência de se harmonizarem, de se contraporem nitidamente, ou, por muitas vezes, de ocasionarem a

¹⁹ O processo de convergência e interação é feito no Ivarb, no qual o próprio programa faz associações e convergências ligando os grupos de fatores entre si, os dependentes com os independentes, apontando quais grupos juntos têm “Input” relevante, ou seja, qual seria a junção de grupos que seria mais relevante e contribuiria para que ocorresse a variável dependente em estudo. O programa Ivarb faz parte do pacote Varbrul.

permuta de posição, podendo ser substituídos, fundidos, e também, podendo expressar alterações de forças articulatórias que produzem processos de ensurdecimento, de aspiração ou de apagamento e muitas vezes chegam até a desenvolver sonorização. Segmentos surdos ou sonoros influenciam o aparecimento ou desaparecimento de certas variantes, um exemplo claro desta influência é demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 04 - Caráter surdo/sonoro do segmento posterior

VARIANTES	DADOS QUANTITATIVOS	FATORES	
		Surdo	Sonoro
Alveolar [s]	Frequência	154/2102= 7%	-----
	Peso relativo	0,13	
Alveolar [z]	Frequência	-----	755/1853= 41%
	Peso relativo		0,80
Palatal [ʃ]	Frequência	1936/2102= 89%	-----
	Peso relativo	0,70	
Palatal [ʒ]	Frequência	-----	830/1853= 45%
	Peso relativo		0,81
Glotal [h]	Frequência	5/2102= 1%	78/1853= 4%
	Peso relativo	0,09	0,89
Zero fonético [ø]	Frequência	7/2102= 3%	190/1853= 10%
	Peso relativo	0,16	0,84

Os pesos probabilísticos fornecidos na tabela 04 mostram que o caráter surdo contido no segmento posterior condiciona a ocorrência das pronúncias da palatal [ʃ] (0,70), desfavorecendo o uso da alveolar [s] (0,13), da glotal [h] (0,09) e do apagamento [ø] (0,16).

Enquanto que o caráter sonoro favorece o uso da glotal [h] (0,89) e do zero fonético [ø] (0,84), da palatal [ʒ]²⁰ (0,81) e da alveolar [z] (0,80). Então, percebemos que as quatro variantes demonstraram estar em competição no caráter sonoro, pois possuem pesos bem aproximados, sendo que as palatais foram favorecidas tanto o caráter surdo, estando nos dois casos extremamente polarizadas.

Podemos visualizar melhor tais afirmações nos dados retirados do *Corpus* de

análise que seguem abaixo:

(23) MB3b (...) eu achu qui:: dedi piquenu /é issu mermu (+) também meus vinti anu lá na Duqui di Caxias pelus meus (...) -

[¹eω¹aʃu¹ki¹**deɔʒ** pɪ¹k n v], [¹ɛi¹sv¹mehmu t̃¹b j ¹**meoʒ** v¹ t̃ɪ¹ hu¹ la¹ na¹ duki¹ t̃ɪ¹ ka¹ ʃi¹ ʃ¹ pelv¹ meω]

Nesse exemplo temos, nos dados em negrito, elementos que comprovam a ocorrência do zero fonético seguido de um consoante sonora o [] (consoante africada), a variante palatal [] antes de uma consoante sonora [v] (consoante fricativa labidental) e a palatal [] seguida de uma consoante surda [p] (consoante oclusiva bilabial).

(24) MA2m (...) prá construí uma ôtra' mazagora comu" si us filhus qui im seus la:ris só ovem falarim:: di' disprê:::zu' dizuniã::u' ô até mehmum pió di tudu (...)

[¹ma¹z¹ gɔr¹ kōmυ], [¹si¹ us¹ fi¹ vʃ¹ ki¹ seoʒ¹ laɾi¹ ʃ¹ so¹ ove¹ f la¹ ri¹ t̃ɪ¹ o¹ diω], [¹o¹ tɛ¹ **mehmu** pi¹ o¹ t̃ɪ¹ tudυ].

No exemplo 24, vemos a alveolar [z] antes da vogal [] (vogal central baixa), a alveolar [s] seguida da consoante surda [f] (fricativa labiodental), a palatal [ʒ] seguida da consoante sonora [l] (consoante lateral alveolar) e a glotal ante consoante sonora [m] (consoante nasal bilabial).

5.2.4 As classes morfológicas dentro da variação do /s/ pós-vocálico

Tabela 05 - Classe morfológica do vocábulo

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Advérbio	Frequência	155/725= 21%	413/725= 60%	36/725= 6%	121/725= 13%
	Peso relativo	0,30	0,63	0,68	0,83
Substantivo	Frequência	190/1149= 17%	936/1149= 81%	06/1149= 1%	17/1149= 1%
	Peso relativo	0,52	0,79	0,41	0,48
Preposição	Frequência	23/119= 19%	86/119= 72%	05/119= 5%	05/119= 4%

²⁰ Confirmação da segunda hipótese localizada na página 60.

	Peso relativo	0,50	0,52	0,55	0,32
Conjunção	Frequência	147/340= 43%	137/340= 40%	09/340= 3%	47/340= 14%
	Peso relativo	0,68	0,30	0,43	0,75
Pronome	Frequência	120/488= 25%	365/488= 73%	03/488= 2%	0/488= 0%
	Peso relativo	0,62	0,52	0,38	0,05
Verbo	Frequência	133/567= 23%	423/567= 72%	06/567= 1%	05/567= 3%
	Peso relativo	0,51	0,59	0,41	0,50
Numeral	Frequência	62/157= 39%	90/157= 58%	03/157= 2%	02/157= 1%
	Peso relativo	0,52	0,60	0,17	0,11
Artigo	Frequência	58/281= 21%	211/281= 75%	12/281= 2%	0/281= 0%
	Peso relativo	0,49	0,69	0,47	0,05
Adjetivo	Frequência	21/129= 16%	105/129= 82%	03/129= 2%	0/129= 0%
	Peso relativo	0,07	0,61	0,41	0,22

Depois de examinarmos os dados da tabela, deduzimos que a classe morfológica interfere na variação, pois as alveolares estão polarizadas pelas conjunções (0,68) e pronomes (0,62); as palatais são condicionadas pelos substantivos (0,79), artigos (0,69), advérbios (0,63), adjetivos (0,61), numerais (0,60) e verbos (0,59). O zero fonético é favorecido, morfológicamente, nos advérbios (0,73), competindo com a glotal (0,68) e nas conjunções (0,75) em competição como as palatais [ʃ, ʒ]. A preposição polariza a variante [h] como uma probabilidade de (0,55).

Verificamos nos exemplos abaixo tais constatações:

(25) MA2b (...) ai anti di saí (...)

[¹aj ¹e)ŋiø ¹ɕ ¹saj]

(26) MC1m (...) ai depoih dissu saimu di (...)

[¹aj **de** **poih** ¹disu ¹sajmuø ¹ɕi]

Os dados demonstram que na variável independente *advérbio* se destacaram as variantes zero fonético [ø] e glotal [h] e palatais [ʃ, ʒ], estando essas três variantes polarizadas.

(27) FB2b (...) eliS tãu di feriaZ da iScola i (...)

[¹e ɿʃ ¹təω ¹ɕi **ferieʒ** ¹da iʃ ¹koɮe ¹i]

No exemplo 27 comprovamos que o *substantivo* favorecem as palatais [ʃ, ʒ].

(28) MC1m (...) dehdi cedu foi qui trabalhô (...)

[¹**dehɕi** ¹sedu ¹foj ¹ki tr ¹ba v]

A *preposição* condiona a presença da glotal [h], no exemplo acima.

(29) MA3m (...) maizé mazuma norma morau

[**ma** **zɛ** **ma** **z** **ma** ¹nohmɛ ¹moraω]

(30) FA3m (...) meomu assim pensá in si mesmu né (...)

[¹**meømu** ¹s ¹p sa ¹si ¹meʒmu ¹nɛ]

Nos dados 29 e 30, foram favorecidas pela classe morfológica *conjunção* as alveolares [s, z] e o apagamento [ø].

(31) FA2m (...) minhaz irmãs são são:: diferenti di mim (...)

[**m** **ɲe** **z** **ihmɛ**]ʃ ¹s(ʃ) ¹sɛ) ¹ɕife ¹r ¹ʃi ¹ɕi ¹m]

No *pronome* as alveolares [s, z] são predominantes (exemplo 31).

(32) FA2m (...) aí saimus du banheru (++) (...)

[¹aj ¹sajmuʒ ¹du b(ɛ)ŋeru]

No *verbo* domínio das palatais [ʃ, ʒ].

(33) FB1m (...) nós trêis nós semu amiga (...)

[¹n ʃ ¹trej ¹n ʃ ¹semu ¹mig]

No *numeral* há predomínio das palatais (exemplo 33).

(34) FB2m (...) uz meuz irmãuS (...)

[¹vʒ meo¹z ihm(ɛ)ʒ]

No dado 34 ocorre a presença maciça das palatais no *artigo*.

(35) MA2b- (...) uz ispírituZ mauS fala

[v¹zi pirituʒ ¹maoʃ ¹fal]

O adjetivo proporciona a polarização das palatais.

Observamos no *Corpus* acima que a classe morfológica tem influencia na variação do /s/pós-vocálico. Essa influencia foi verificada no estudo desenvolvido por Dubois et al. (1973).

De acordo com o autor, os níveis morfológicos influenciam na produtividade de uma variação. Existem fenômenos que atingem somente certas classes de palavras, não atuando em outras.

Já a pesquisa realizada por Scherre & Macedo (1991), revela que os verbos na primeira pessoa do plural provocam a sempre supressão do /s/; a conjunção mas sofre tanto a queda do /s/ quanto a passagem para a glotal; no caso dos pronomes, há uma ocorrência grande das alveolares. Outros léxicos que facilitam a palatalização seriam os nomes comuns e nomes próprios.

Comportamento diferenciado apresentam os adjetivos e os numerais que estão divididos entre as alveolares e as palatais. A autora ressalta que o termo mesmo,

independentemente da classificação que assuma, tende a apagar seu /s/ pós-vocálico.

Canovas (1996) não estudou a influência lexical no fenômeno de variação do /s/ pós-vocálico, somente, fez algumas considerações sobre alguns vocábulos. Ela declara que o maior índice de variação da glotal foi Antes de nasal, principalmente, antes de /m/ ligada a alta frequência da palavra mesmo.

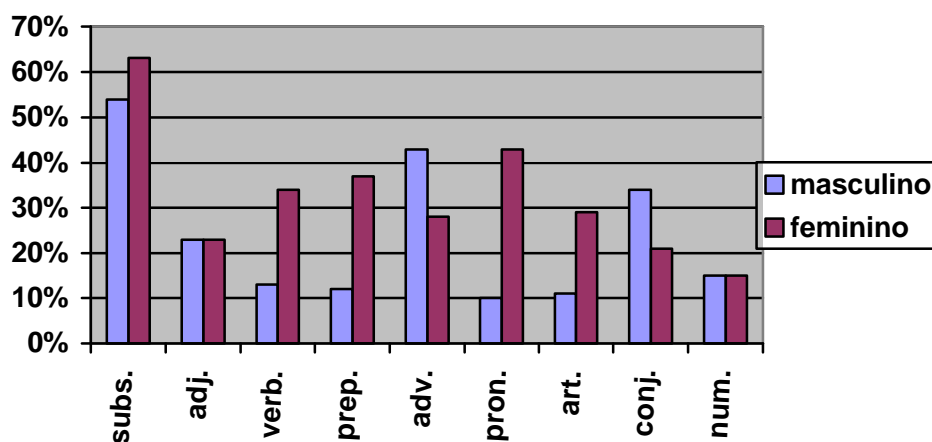
Labov (1981 *apud* Scherre & Macedo 1991, p. 168) propõe que:

“(...) a variação seria interpretada como estável se não houvesse diferenças no tempo aparente, ou se houvesse um padrão etário curvilíneo, acrescido dos seguintes fatores: as mulheres e as classes prestigiadas usando a forma mais prestigiada que a padrão inclinando em função da classe social (...)”.

Conforme a afirmação citada acima, decidimos testar a significância do grupo de fatores sexo e classe do vocábulo para sabermos o que ocorreria em nossos dados, se haveria diferença na produtividade das variantes do /s/ pós-vocálico considerando a influência do grau sexo.

O grau de significância registrou índices diferenciados para o feminino e masculino em quase todos vocábulos, favorecendo ao sexo feminino, o substantivo, o verbo, a preposição, o pronome, o artigo; o advérbio e a conjunção favoreceram aos homens; enquanto o adjetivo e o numeral estão em posição neutra, pois apresentam o mesmo percentual. Tais conclusões estão deliberadas no gráfico abaixo:

Gráfico 01



5.2.5 Zona de articulação do segmento posterior ou subsequente²¹

5.2.5.1 Zona de articulação das consoantes

Tabela 06a - ponto de articulação das consoantes

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Bilabial	Frequência	57/643= 8%	491/643= 76%	38/643= 6%	57/643= 10%
	Peso relativo	0,52	0,82	0,76	0,67
Alveolar	Frequência	69/1224= 7%	1051/1224= 84%	27/1224= 3%	77/1224= 2%
	Peso relativo	0,39	0,68	0,61	0,65
Labiodental	Frequência	14/255= 8%	193/255= 86%	09/255= 4%	09/255= 5%
	Peso relativo	0,49	0,63	0,48	0,41
Velar	Frequência	01/36= 4%	30/36= 88%	01/36= 4%	04/36= 4%
	Peso relativo	0,39	0,64	0,29	0,45
Palatal	Frequência	38/420= 12%	377/420= 87%	01/420= 0%	04/420= 1%
	Peso relativo	0,57	0,72	0,20	0,21

²¹ Amalgamar corresponde ao fato de se apagar ou juntar fatores de uma mesma variável independente, na tentativa de resolver um “warning” (erro). Estas amalgamações são recomendadas por Scherre (1992, p. 63) como meio de se rodar os dados sem perda de qualidade e exatidão da análise. Foram amalgamados 541 dados para as palatais, 17 para as alveolares, 03 para a glotal e 09 zero fonético.

5.2.5.2 Zona de articulação das vogais

Tabela 06b - Zona de articulação das vogais²²

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Anterior	Frequência	156/177= 79%	13/177=14 %	01/177= 1%	07/177= 6%
	Peso relativo	0,95	0,39	0,08	0,26
Central	Frequência	224/265= 77%	25/265= 16%	01/265= 0%	15/265= 6%
	Peso relativo	0,95	0,43	0,09	0,38
Posterior	Frequência	333/395= 84%	45/395=11%	02/395= %	15/395= 4%
	Peso relativo	0,96	0,37	0,10	0,36

O grupo de fatores bilabial (tabela 6a) proporciona a presença das variantes palatais, glotal e zero fonético, com os respectivos pesos relativos (0,82) (0,76) e (0,67). Nesse mesmo grupo as alveolares não apresentaram pesos significativos.

A variável independente consoante alveolar favoreceu as variantes palatais [ʃ, ʒ] com 0,68, o zero fonético 0,65 e glotal 0,61.

O grupo labiodental influencia somente na presença das palatais (0,63) ocasionando as ausências das demais variantes (alveolares 0,49; glotal 0,48 e o zero fonético (0,45).

A velar tem comportamento parecido ao da labiodental, pois favorece também às palatais (0,64). O último grupo de fatores — grupo das palatais — manifesta-se favorável às palatais (0,72) e às alveolares (0,57); estão em desvantagem as outras variantes dos /s/ pós-vocálico.

Verificamos que na tabela 6a as variantes palatais, glotal, apagamento foram mais preponderantes enquanto que a tabela 6b os resultados favoreceram mais às alveolares nos pontos anterior (0,95), central (0,95) e posterior (0,96). Esse alto peso relativo é justificado, pois em quase 79% das vogais anteriores/centrais e 84% das vogais posteriores,

²² Posição relativa da língua na boca horizontalmente.

na pronúncia do /s/ pós-vocálico, variaram para a alveolar sonora [z].

Os exemplos, aqui expostos, serviram de embasamento na visualização dos resultados:

- (36) MA3b (...) dizê u pessuau consideravam lá ela mehmu comu sê filha dus patrõis
(+) bunitona mesmu (+) (...)

[dʒiˈze ˈv peˈsuaʊ kõsideˈravɐ] ˈla ˈa ˈmehmu ˈkõmv ˈse ˈfi ɐ ˈdu
ˈpatrõj b ni ˈtõnɐ ˈme mu]

Aqui temos exemplos da glotal [h] antes de uma nasal bilabial, da palatal [] antes de uma oclusiva bilabial surda, da palatal [] seguida de um exemplo com uma oclusiva bilabial sonora.

- (37) MC1m (...) termino o negócio di bondi u negóciu mah na epoca tinha u negócio du
trey era mais gostosu (...)

[tehm ˈno ˈv nɛˈgõsiʊ ˈdʒt ˈbõdʒt ˈv neˈg siʊ ˈdʒt ˈbõdʒt ˈmah ˈna
ˈɛp ka ˈt ɲa ˈv neˈg siʊ ˈdu ˈtrj ˈɛra ˈmaiz goʃ ˈtozv ˈd]

Percebemos a ocorrência da glotal [h] seguido de consoante nasal alveolar sonora, da palatal [] seguida de consoante oclusiva sonora velar e seguida consoante da palatal [] oclusiva surda alveolar.

- (38) FB3m (...) comu faz sopa” com’ compra um ossu cum tuta::nu’ lavu ossu’ raspa’
depois coloca numa pane::la (+) corta us tempê::rus principa::is’(+) cebo::la (+) toma::ti
(+) pimentã::u (+) sa::usa’ ((risos))’ aí depois (+) (...)

[ˈkõmv ˈfaʃ ˈsop], [deˈpojʃ ˈkõlõk ˈn m p ˈnɛl (+)ˈkõht ˈvʃ
t ˈpervʃ pr ˈsip jʃ]-

No exemplo 38 verificamos que aparece a palatal [] antes de fricativa surda alveolar, antes oclusiva surda velar, antes de pausa breve.

- (39) FB3m (...) ela faiz farofa (+) fritura (+) frangu é::: tudu cum manteiga (...)

[^l˘a **faj** f ^lr f fri^ltur ^lfr ^lgu ^ltudu ^lk m ^lteg]

Notamos que a palatal [] está ante uma consoante fricativa labiodental surda.

(40) FC2b (...) faiz um doi vamú vê (+) doi anu que eu num falu cum ele (...)

[faj^lz ^l**doj** ^l**vamu** ^lve ^ldoj ^l~nu ^lki ^leω ^ln ^lfalu ^lk ^le˘u]

O exemplo 40 traz o zero fonético seguido de uma consoante fricativa labiodental sonora e mediante uma vogal central baixa.

(41) MB1m (...) (+) menuh minha tia que foi embora prá Riu (+) fah nu natau (...)

[^lm nuh ^lm - ^ltʃia ^lki ^lfoj ^lb r ^lpru ^lhiu ^lfah ^lnu n ^ltaω]

A glotal aparece, no dado acima, seguida por uma nasal bilabial sonora e por nasal alveolar sonora.

(42) FA2b (...) maiz o menus b in di saúdi (...)

[**maj**^lzo ^lm nu ^lb j ^l˘i sa^lω ^l˘i]

A alveolar [z] está antes de uma vogal posterior alta.

(43) FB3b (...) im certaz açõiz (+) intendeu (...)

[^l **sehta** ^l**zasõj** t ^ldeω]

No dado 43, a alveolar [z] está seguida de uma vogal central baixa.

(44) MB3b (...) t in muitaz infermeraS (++) (...)

[^lt j **mujta**^lz **fehme** r]

Aqui temos a alveolar [z] precedida por uma vogal anterior alta.

5.2.6 Modo de articulação do segmento posterior vs. grau de altura vs. pausa

5.2.6.1 Condicionamento do modo de articulação

Tabela 07a - Modo de articulação

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Oclusiva	Frequência	138/1599=9%	1413/1599=88%	13/1599= 1%	35/1599= 2%
	Peso relativo	0,48	0,58	0,41	0,37
Fricativa	Frequência	28/377= 7%	314/377=83%	11/377= 4%	24/377= 6%
	Peso relativo	0,50	0,67	0,63	0,52
Nasal	Frequência	12/512= 3%	360/512=70%	51/512= 10%	89/512= 17%
	Peso relativo	0,52	0,36	0,93	0,89
Lateral	Frequência	01/30= 3%	26/30= 90%	01/30= 3%	02/30= 4%
	Peso relativo	0,12	0,75	0,33	0,43

5.2.6.2 A influência da pausa

Tabela 07b – Tempo de duração da pausa

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Breve	Frequência	09/394= 2%	377/394= 96%	02/394= 0%	07/394= 2%
	Peso relativo	0,28	0,92	0,42	0,58
Longa	Frequência	07/175= 4%	164/175= 94%	01/175= 1%	02/175= 1%
	Peso relativo	0,41	0,86	0,20	0,50

5.2.6.3 A influência do grau de altura das vogais

Tabela 07c – Grau de altura das vogais

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Alta	Frequência	208/247= 84%	32/247= 13%	02/247= 1%	5/247= 2%
	Peso relativo	0,88	0,41	0,68	0,47
Média	Frequência	284/328= 87%	26/328= 8%	01/328= 0%	17/328= 5%
	Peso relativo	0,88	0,42	0,59	0,51
Baixa	Frequência	222/263= 84%	25 /263= 10%	01/263= 0%	15/263= 6%
	Peso relativo	0,84	0,39	0,49	0,28

Podemos afirmar que as alveolares ocorrem mais antes de vogais, exercendo, o grau de altura localizado na tabela 7c, um papel decisivo para essa ocorrência uma vez que as vogais altas, médias e baixas apresentam probabilidades relevantes (0,88; 0,88; 0,84, respectivamente). Esse comportamento com relação às alveolares no grau de altura é semelhante ao que aconteceu na zona de articulação nos dados referentes às vogais (anterior, central, posterior) na tabela 6b.

Os fatores restantes que envolvem o modo de articulação das consoantes e tipo de pausa não são representativos para as alveolares, uns por estarem próximos a zero, como é o caso da consoante lateral (0,12), outros por permanecerem em polaridade neutra ou em áreas de cercanias, assim como no caso da consoante fricativa (0,50- zona neutra) e da oclusiva (0,48- área de cercanias).

As variantes palatais têm suas presenças condicionadas pela consoante oclusiva (0,58), pela fricativa (0,67), pela lateral (0,75) e pela pausa — não importando a distinção entre a pausa breve (0,92) ou longa (0,86), isto é, ambas condicionam o uso da pronúncia.

A variável glotal é uma das mais polarizada e significante seguida de consoantes nasal (0,93) e fricativa (0,63), mostrando-se despolarizada nos fatores restantes.

O apagamento é influenciado pelos segmentos posteriores nasal (0,89) e pela pausa breve (0,58). Os outros contextos subjacentes, como consoante oclusiva (0,37) e todos os tipos de vogais não influenciam essa ocorrência.

Os exemplos revelam que a pausa tem o poder de exercer nos fonemas contíguos efeitos fonológicos comparáveis aos existentes nas consoantes. Assim, a pausa foi alocada ao grupo de consoante e vogais por ter *status* consonântico aventado por Dubois *et al.* (1995, p. 463.).

Tivemos que fazer amalgamações na variável independente *modo de articulação* (7a) devido aos problemas causados por alguns fatores, tais como: africados e vibrantes. Depois desse processo, pudemos realizar a rodagem quantitativa.

Apresentamos aqui alguns exemplos de como as variáveis *modo de articulação das consoantes*, *o tempo de duração da pausa* e *o grau de altura das vogais* se manifestam antes do fenômeno estudado:

(44) MC1m (...) era uzonibuS todus limpu

[^l ra uz^l õnibu^l todvʒ^l l p v]

(46) MC3b (...) di novembru a avenida portugau i depois vo::tava (+) (...)

[^l ði nɔ^l v br v^l a v^l nid pohtu^l gaω^l i de^l pɔjʒ vɔ^l tav]

(47) MC3m (...) aquelez lanceru aquelis cum (...)

[^l kelt I^l seru^l kelt^l k]

(48) MC3b (...) eu morava no bairro du marcu antis (+) eu saia cum ela ta' di oni onibuzia até lá (+) na quinzi (...)

[¹eo mɔ¹rav ¹nu ¹bajhu ¹du ¹mahku ¹t **ʃtʃ** ¹eo sa¹ia ¹k ¹ε¹a¹ta¹ ¹v
¹ɔʒu ¹ont **onibu¹zia¹atε¹** ¹la¹ ¹na¹ ¹kzi].

Os exemplos 45, 46, 47 e 48 justificam os resultados encontrados na tabela 7a, pois as palatais [,] estão seguidas de uma consoante oclusiva alveolar [t], por uma fricativa labiodental [v], por uma lateral alveolar [l] e pela pausa breve (+). Temos ainda no exemplo 48 uma alveolar seguida de uma vogal alta posterior [i].

(49) MC1b (...) aí u soh¹dadu caiu na gargalhada aí eu era qui mehmu (++) meus anus até onzi eu mi lembu dissu (...)

[¹aj ¹v sɔh¹dadu ¹kaiw ¹na g hg ¹ad ¹aj ¹eo a¹d ¹εra ¹ki **mehmu**
¹meoz¹anuʃ ¹tε ¹ozi ¹eo ¹mi ¹lb ru ¹ɔʒisu ¹ai]

No exemplo 49 observamos uma glotal antes de consoante nasal bilabial.

5.2.7 A relevância do grau de interação

Tabela 08 – Grau de interação

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Mais interação	Frequência	449/1970= 23%	1389/1970= 71%	45/1970= 2%	87/1970= 4%
	Peso relativo	0,51	0,58	0,57	0,44
Menos Interação	Frequência	460/1985= 23%	1377/1985= 69%	38/1985= 2%	110/1985=6%
	Peso relativo	0,49	0,46	0,43	0,56

Alguns autores estudaram a relevância deste fator e concluíram que é eficaz tal associação de termos entre os diversos elementos analíticos. Silva (1996) postula que o grau de interação permite ter uma visão maior dos exemplos pesquisados, mesmo que esse meio analítico, somente, funcione interagindo com outros para se conseguir atestar sua produtividade. O autor diz que:

“Para testar a relevância do parâmetro “frequência no fenômeno em questão”, os itens lexicais foram dispostos em itens lexicais de frequência baixa (1 a 3 ocorrências) e itens de alta frequência (mais de três ocorrências). (...) na permuta de [l] para [r] e [ø] (...).” (Silva, 1996, p. 153)

Baseando-nos nas afirmações acima, reconhecemos que, na tabela 08, a interação não ocasionou nenhum favorecimento ou desfavorecimento das alveolares, visando uma interacionalidade efetiva nas palatais e glotal (0,58 - 0,57) ligadas às classes morfológicas do substantivo, advérbio, conjunção e verbo, não criando interação no apagamento, por este dar-se em todas as categorias gramaticais, mas sem desenvolver uma frequência absoluta em nenhuma delas.

5.3 Fatores sociais

5.3.1 A influência do grupo sexo

Tabela 09 - Fator sexo

FATORES	DADOS	VARIANTES			
	QUANTITATIVOS	Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Feminino	Frequência	524/2410=22%	1752/2410=73%	24/2410=1%	110/2410=5%
	Peso relativo	0,61	0,68	0,43	0,46
Masculino	Frequência	385/1545=25%	1014/1545=66%	59/1545=4%	87/1545=6%
	Peso relativo	0,43	0,57	0,60	0,56

Constatamos que, na tabela 09, a variável sexo se comportou como elemento condicionador na escolha das variantes, revelando que as alveolares são usadas mais pelas mulheres do que pelos homens. As palatais têm probabilidades aproximadas para tanto para mulheres (0,68) quanto para os homens (0,57).

Na fala masculina também registramos mais a glotal e o zero fonético. Isso nos leva a refletir por que será que as mulheres utilizam mais as palatais e as alveolares? Terá tal condicionamento ligação com outros fatores lingüísticos e sociais?

Conforme Labov (1981), as mulheres costumam usar em probabilidade maior a variante considerada dentro da comunidade como a de prestígio; os homens, algumas vezes, são os responsáveis pelas inovações lingüísticas.

Labov (1972) descreveu a variação -ing/-in no inglês, analisou a influência do sexo correlacionado com os fatores classe social e estilo de fala e descobriu que, quando os falantes optam por um estilo mais formal, há maior diferença entre o comportamento lingüístico entre homens e mulheres.

Rolleberg (1993, p. 172) diz que a regra de palatalização modifica-se conforme o tipo de elocução feita pelos falantes-ouvintes; nas situações formais, as mulheres palatalizam 70.41% e os homens 63.31% contra um percentual mais baixo nas entrevistas D.I.D, nas quais as mulheres têm 51.12% e os homens 58.23%, apresentando uma redução de 19.29% no sexo feminino e 4.97% no sexo masculino. A autora conclui que, no processo interativo entre o discurso e sexo, quanto mais formal se dá a situação discursiva mais propício será o uso das palatais.

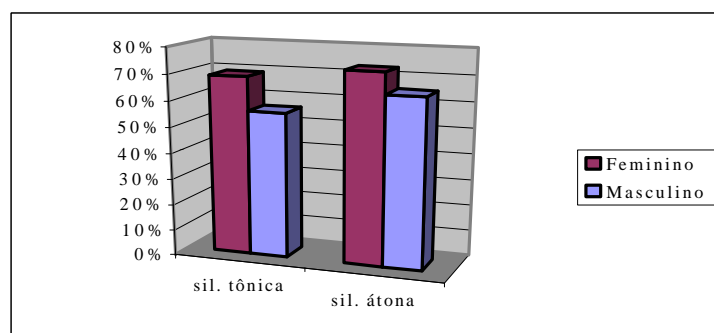
Callou & Marques (1996) ressaltam que, quando há uma interação sexo/faixa etária, os percentuais tornam-se irrelevantes quanto à queda e à aspiração, observando uma variação estável nos homens e mulheres que usam as palatais, principalmente, nas mulheres que estão na faixa etária mais jovem (25-35 anos) com a utilização máxima de frequência

das palatais, próxima dos 90 %.

Tais afirmações são muito importantes, porque nos fornecem subsídios para entendermos quais seriam os motivos da preferência de falante/ouvinte na escolha dessa ou daquela variante; porém isoladas de outros contextos por nós estudados, não são subsídios suficientes para responderem aos nossos questionamentos.

Posteriormente à rodagem do “Ivab”, recorreremos novamente ao “Crosstab” na tentativa de conseguirmos elucidar nossos questionamentos e descobrimos que as características sociais interligadas a outros grupos sociais e/ou lingüísticos, respaldam os resultados contidos na tabela 09. Nessa etapa, detectamos que o cruzamento dimensional do fator social sexo com o fator lingüístico tonicidade tem influência na variação do /s/ pós-vocálico. Essa influência está explicada no gráfico abaixo:

GRÁFICO 2- Palatais



O gráfico 02 apresenta grande significância, porque revela que os informantes femininos usaram mais as variantes palatais (em as sílabas tônicas e átonas) que os homens.

Cagliari (1997, p.15) afirma que:

“(…) Na fala, sobretudo quando se modifica a velocidade de pronúncia, nota-se que é comum alguns sons se modificarem por força do ambiente que se acham”

Essa afirmação comprova que a influência da tonicidade é decisiva no processo de variação e mudança.

Mostramos, nos dados a seguir, o ambiente como gerador de variação:

(50) FA1b (...) tu compra ((risos)) uma lata di sausicha' depoizispera (...)

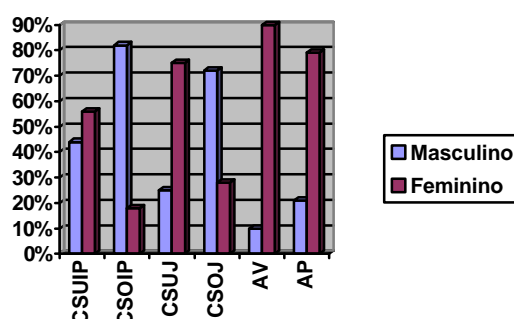
[¹tu ¹kõpreø ¹ ma ¹latɛ ¹ʒi saø¹si ɐ **depoi¹zɪ ʃpera**]

(51) FC2b (...) história da infância” (+) hum::’ nãu’ tem uma história du coléguiu/ qui eu num sei puque eu num mi isqueçu mas’ erum::’ (...)

[iʃ¹ˈtoɾɪ ¹da ¹fãsu], [¹ew¹n ¹m iʒ¹kɛsu ¹maʒ¹ɛɾ].

O Crosstab resultou no gráfico abaixo que reflete o processo interativo entre o fator sexo e ambiente fônico²³:

Gráfico 03 - Alveolares



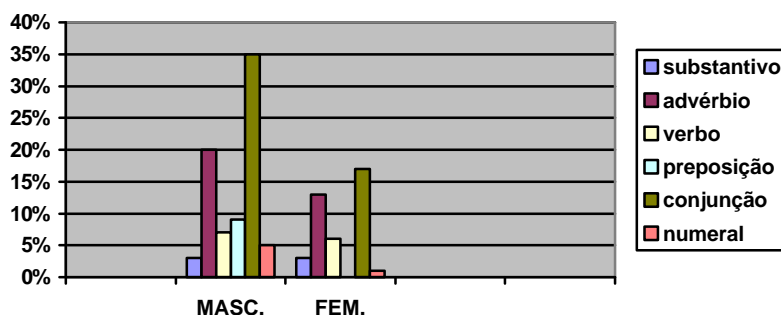
A resolução do “Crosstab” para as alveolares traduz que junção do grupo de fatores sexo (fator social) vs. ambiente fonológico posterior demonstra o motivo das mulheres usarem mais as alveolares, pois as mulheres utilizaram mais o contexto fonológico “juntura antes de vogal”.

A interação foi feita também para o apagamento apresentada no gráfico 04, no qual interagimos o grupo sexo com a classe morfológica. Essa interação apontou que a supressão do /s/ é beneficiada por uma operação de união de características sociais e não sociais, nas quais os homens tiveram um percentual superior ao das mulheres na classe morfológica do advérbio (20% - 13%), numeral (6% - 3%), conjunção (35% - 17%) e preposição (9% - 0%). A conjunção, o advérbio e a preposição são os fatores mais

²³ CSUIP significa consoante surda interna à palavra; CSOIP consoante sonora interna à palavra; CSUJ consoante surda em juntura, CSOJ consoante sonora em juntura, AV Antes de vogal e AP Antes de pausa. Doravante somente serão usadas essas abreviações.

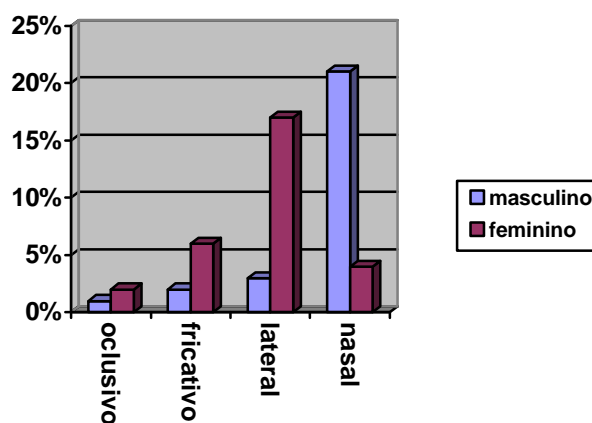
diferenciadores, já que são neles que encontramos uma variação decisiva, isto é, os falantes mulheres fizeram o apagamento com proporção menor nesses três fatores.

Gráfico 04 - Apagamento



Fizemos o mesmo processo interativo para o gráfico 05, juntando o sexo com modo de articulação consonantal, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 05 - Glotal



A nasalidade é o indicador que explica o motivo pelo qual os homens realizam mais a aspiração que as mulheres. Por isso, consideramos que a existência das consoantes nasais [m] e [n], tanto em posição interna quanto em posição de juntura.

O modo de articulação nasal oferece condições para a ocorrência de tal variante, estando presente e influenciando em outras variações, como é o caso do abaixamento das vogais médias pretônicas. Ex.: [mi^h ninu].

5.3.2 O condicionamento da faixa etária

É inevitável haver diferença na maneira de ser, agir, pensar e falar entre as gerações. Muitas vezes indivíduos mais velhos ficam enraizados a certos padrões lingüísticos e principalmente de comportamentos, fazendo parte de um grupo mais tradicional. Os tempos mudam, passam causando variações que se refletem na evolução da humanidade. As variações lingüísticas fazem parte desses processos transformacionais.

Labov (1972) ressalta que, em muitas comunidades, encontramos as mais diversificadas variações na fala de crianças, jovens e adultos. Tais diversidades são motivadas por inúmeros fatores, como, por exemplo, diferenciação do nível profissional, social, necessidade de afirmação grupal.

Santos (1973) estudou a variação feita por adolescentes na manifestação da vibrante pós-vocálica, realizada de duas formas: palatal [ʃ] e a alveolar [l]. O autor também descreveu neste estudo a desnasalização ocorrida nas vogais em ditongos quando encontram-se no final de palavra, [g^hragi], [õmi].

Santos revela que:

“(...) o exame das ‘atitudes gerais’ mostrou que os adolescentes em geral desde cedo são bem sensíveis às variantes que foram estudadas, deixou também claro que o nível socio-econômico foi relevante, bem como o tempo de exposição à pressão escolar. Aparentemente, os alunos do estrato mais baixo não foram antes tão conscientizados quanto os outros a respeito das variantes deste estudo. Uma vez que no ginásio, porém, logo alcançaram os índices dos adultos do grupo”. (p. 128-29)

A pesquisadora ainda ressalta que se tivesse realizado a pesquisa com uma outra faixa etária envolvendo os mesmos caracteres sociais e estruturais teria tido um resultado diferente.

Abaixo apresentaremos a tabela 10 com o condicionamento da faixa etária:

Tabela 10 - Faixa etária

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
15-25 anos	Frequência	264/1367=19%	986/1367=72 %	27/1367= 2%	90/1367= 7%
	Peso relativo	0,43	0,58	0,57	0,59
26-45 anos	Frequência	310/1332=23%	945/1332=71%	06/1332=0%	71/1332= 5%
	Peso relativo	0,52	0,60	0,31	0,53
+ 46 anos	Frequência	335/1256=27%	835/1256=66%	50/1256= 4%	36/1256= 3%
	Peso relativo	0,51	0,59	0,64	0,35

Podemos observar que, na tabela 10 — referente à variável etária, os informantes que estão na primeira faixa etária de 15-25 anos (os mais jovens) empregam simultaneamente as palatais (0,58), a glotal (0,57) e o zero (0,59); os da segunda (faixa intermediária) usam mais as palatais (0,60) e os da terceira (os falantes mais velhos) usam tanto à glotal (0,64) quanto às palatais (0,59). As variantes alveolares não assumiram caracteres polarizados e por isso foram excluídas nessa rodada.

O programa "Ivarb" produziu uma seqüência de convergência e interação que elucidaram as nossas indagações.

As tabelas de convergências *versus* interação geraram células representativas de nível 04 (interação de quatro fatores independentes), nas quais verificamos o cálculo de pesos relativos com base em um conjunto de quatro variáveis, desenvolvendo uma comparação da variável mais significativa (contexto fonológico) juntamente com outras três variáveis independentes: sonoridade, sexo e faixa etária, para as alveolares e as palatais; e sonoridade, tonicidade e faixa etária, para a aspiração e queda.

Tabela 11 – Convergência e interação para as alveolares

Surdo	Son.	Fem.	Masc.	15-25 anos	26-45 anos	Mais de 46 anos	CSUIP	CSOIP	CSUJ	CSOJ	AV	DP
0,23	0,80	0,58	0,45	0,56	0,52	0,34	0,76	0,03	0,06	0,61	0,93	0,48

Desse modo, temos, na tabela 11, uma ampliação probabilística das alveolares: na F1²⁴ de 0,43 para 0,56; na F2 mantendo-se estável em 0,55 e na F3 percebemos o declínio das alveolares.

Tabela 12 – Convergência e interação para as palatais

Surdo	Son.	Fem.	Masc.	15-25 anos	26-45 anos	Mais de 46 anos	CSUIP	CSOIP	CSUJ	CSOJ	AV	DP
0,71	0,56	0,59	0,36	0,58	0,67	0,69	0,38	0,60	0,83	0,55	0,13	0,58

Na tabela 12 (palatais) foi escolhido as mesmas quatro variáveis que proporcionaram mudanças positivas para as alveolares. Assim, visualizamos na F1 um peso de 0,58, permanecendo igual ao peso da tabela 10; na F2 um peso relativo de 0,67 e na F3 de 0,69, aumentando consideravelmente de uma tabela para a outra..

Tabela 13 – Convergência e interação para a glotal

Surdo	Son.	Tôn.	Áton.	15-25 anos	26-45 anos	Mais de 46 anos	CSUIP	CSOIP	CSUJ	CSOJ	AV	DP
0,89	0,10	0,70	0,29	0,58	0,29	0,70	0,33	0,94	0,09	0,89	0,58	0,28

A tabela 13, feita para a variante glotal é favorecida pela convergência de três elementos, promovendo um aumento maior na F1 de 0,57 para 0,58 (tabela 10) e na F3 de 0,64 para 0,70. A F2 permanece ficou desfavorecida, com um percentual mais baixo (0,29).

Tabela 14 – Convergência e interação para o zero fonético

Surdo	Son.	Tôn.	Áton.	15-25 anos	26-45 anos	Mais de 46 anos	CSUIP	CSOIP	CSUJ	CSOJ	AV	DP
0,11	0,88	0,57	0,43	0,37	0,55	0,59	0,46	0,66	0,75	0,42	0,27	0,60

²⁴ Doravante F1 significará faixa etária de 15 a 25 anos, F2 significará faixa etária de 26 a 45 anos e F3 os informantes de mais de 46 anos.

Com base nos resultados estabelecidos na tabela 14, podemos dizer que a função convergente indica que a sonoridade agrupada à tonicidade mais o ambiente fonológico são os responsáveis pelo emprego na F3 da queda do /s/ pós-vocálico; no entanto esses elementos desfavorecem a utilização na F1 e na F2.

De acordo com Canovas (1996, p.191), os falantes de Salvador pertencentes à categoria I — 13 a 20 anos — e à categoria III — 46 a 70 anos — utilizaram as alveolares com percentuais de 56,06% e 67,74%, respectivamente. As mais jovens empregaram também as palatais (com 46,23%), seguida por um percentual da glotal (15,02%). Nos três grupos etários houve uma pequena variação no uso da glotal.

5.3.3 Condicionamento da classe social

Tabela 15- Classe social

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Baixa	Frequência	508/1703=23%	1185/1703=70%	30/1703= 2%	89/1703= 5%
	Peso relativo	0,48	0,45	0,51	0,71
Média	Frequência	401/2252=21%	1581/2252=70%	57/2252= 2%	108/2252=5%
	Peso relativo	0,59	0,78	0,49	0,49

Constatamos que a classe social/renda, tabela 15, exerce um condicionamento no /s/ pós-vocálico, visto que o percentual na classe baixa é de 0,45 e na classe média é 0,78 para as palatais. A glotal ocorreu em proporções inversas à palatal, com um percentual neutro de 0,51 para a classe baixa e 0,49 para a classe média. As sibilantes estão estatisticamente em posição neutra na classe baixa (0,48) mais apresentam um percentual elevado na classe média (0,59), enquanto que o zero fonético foi favorecido pela classe baixa (0,71) e desfavorecido pela classe média (0,49).

Mollica (1996) afirma que o meio social, contrastando com o meio da escola (escolaridade), é de suma importância como modificador no comportamento lingüístico e

também influenciador no desenvolvimento da avaliação do falante em relação à língua.

5.3.4 Condicionamento da escolaridade

Tabela 16 - Escolaridade

FATORES	DADOS QUANTITATIVOS	VARIANTES			
		Alveolares [s] [z]	Palatais [ʃ] [ʒ]	Glotal [h]	Zero fonético [ø]
Não-escolaridade	Frequência	375/1592=24%	1067/1592=67%	65/1592= 4%	90/1592= 6%
	Peso relativo	0,42	0,51	0,66	0,59
1º grau	Frequência	194/916=20%	638/916=70%	13/916= 1%	70/916= 8%
	Peso relativo	0,55	0,59	0,53	0,56
2º grau	Frequência	243/1447=25%	1061/1447= 73%	5/1447= 0%	37/1447= 1%
	Peso relativo	0,52	0,66	0,20	0,35

Nota-se que há um crescimento no emprego da variável dependente considerada de prestígio — as palatais — à proporção que interagem os vários grupos lingüísticos e extra-lingüísticos.

Destacamos que a escolaridade (tabela 16) possui um papel definidor na utilização das variantes, nas quais os dados apontam que há diferenças relevantes entre as quatro variantes do /s/ pós-vocálico.

Verificamos que os pesos atribuídos aos informantes não-escolarizados são diferenciados, privilegiando por este motivo a glotal (0,66) e o apagamento (0,59).

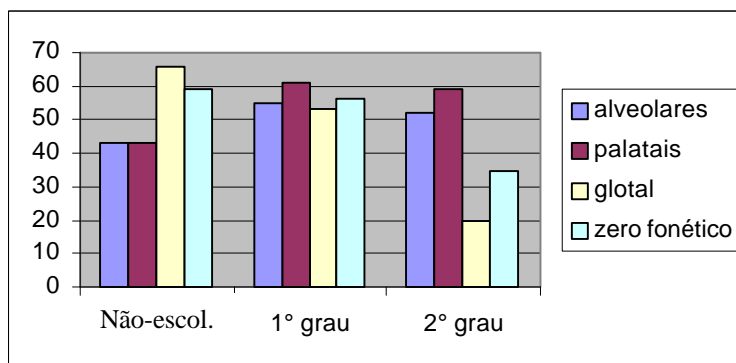
Os informantes com o 1º grau completo/incompleto usam mais as palatais (0,59), porém apresentam graus significativos também para as alveolares (0,55), o glotal (0,53) e o zero fonético (0,56). Assim, notamos que nesse fator há uma competitividade entre as variantes, de tal modo que os pesos relativos estão todos muito próximos. Visualizaremos melhor essa competitividade no gráfico 06.

Nos informantes com maior escolaridade (2º grau completo) percebemos que as palatais estão polarizadas com 0,66 de produtividade, enquanto que as alveolares, a glotal e

o apagamento. Portanto, a faixa mais escolarizada tem um comportamento contrário da segunda faixa.

Conforme os resultados acima apresentados, formulamos o gráfico 06:

Gráfico 06-Escolaridade



Atestamos que no gráfico 06 as variantes tidas como inovadora (glotal) e rural (zero fonético) a medida que a escolaridade do informante vai aumentando, o uso dessas variantes vai diminuindo. Procedimento inverso ocorre com variante de prestígio (palatais), pois na categoria dos não-escolarizados apresentam-se com polaridades igualitárias às da variante padrão (alveolares), estando em superioridade nos indivíduos escolarizados (2º grau). A segunda categoria (1º grau) parece-nos ser um categoria intermédia, de transição para a terceira categoria. Talvez seja esse o motivo pelo qual ocorra nessa categoria as quatro variantes, porque, conforme os nossos dados, na primeira estaria os indivíduos com mais propensão (mais favoráveis) a apagar /s/ pós-vocálico ou à usar a glotal e na última faixa estariam os indivíduos propensos a usar à variante de prestígio.

Outros autores estudaram também a relevância da escolaridade como elemento social que podem ou não condicionar a variação do /s/ pós-vocálico. Citaremos abaixo alguns desses autores, que conseguiram formalizar resultados semelhantes e/ou diferentes dos nossos.

Canovas (1996, p. 190) estudou também a escolaridade como grupo influenciador na variação do /s/ pós-vocálico, somente abordando duas (1º grau e 2º grau) das três categorias por nós analisadas. A pesquisadora verificou que as três categorias de escolaridade verificadas como prováveis influenciadoras da variação baiana. ocorreu: 1 grau - 68.07%, 2 grau -63.68% e 3 grau - 69.42%, encontram-se portanto os três faixas escolares niveladas, existindo uma tendência para o uso da glotal pelos informantes com menor escolaridade (13.03%); os de maior escolaridade tiveram baixos índices na utilização da glotal (8.6%). Nos indivíduos da categoria intermediária (2 grau), as palatais foram mais usadas (35.43%); as alveolares tiveram, nas três categorias, o índice aproximadamente de 69.78% e o apagamento apresentou indicadores inexpressivos em todos os grupos.

Já no trabalho desenvolvido por Scherre & Macedo (1991, p. 170), na cidade do Rio de Janeiro, apontou que:

- as palatais são favorecidas em indivíduos menos escolarizados (0,56);
- a glotal é favorecida em estudantes do ginásio (0,62);
- a queda prepondera nos falantes que têm o colegial (0,58);
- e as alveolares encontram-se em posição neutra nas três divisões escolares.

As lingüistas infelizmente não conseguiram detectar qual seria(m) o(s) motivo(s) de as variantes glotal e zero fonético terem tais percentuais e atuarem ligadas a tais grupos escolares.

Na cidade de Cordeiro (cf. Gryner & Macedo, 1981, p. 174), não aconteceu o mesmo que no Rio de Janeiro; os informantes que estavam cursando o primário ou o tinham

terminado realizaram mais a queda que os do ginásio e/ou do colegial.

Votre (1978, p. 81) considera a escolaridade como uma variável híbrida, isto é, ela depende da interação dos elementos socio-econômicos e culturais. Ele considera o estudo dessa variável independente de suma importância dentro de qualquer estudo sobre variação lingüística.

De acordo com Labov (1972), esse fator denota até que ponto está havendo na língua uma variável. Portanto, Kemp (1979) ressalta que uma situação de variação não acarreta mudanças lingüísticas se constatada uma distribuição plana, ou seja, sem diferenciação etária, ou distribuição curvilínea que demonstre uma graduação etária.

Portanto, na tentativa de esclarecer mais os motivos pelos quais, na cidade de Belém, o fator escolaridade é influenciador na variação do /s/ pós-vocálico, averiguamos o processo de Convergência e Interação fornecido pelo Varbrul.

Tabela 17 – Convergência e interação para as alveolares

Surdo	Son.	Fem.	Masc.	Não-escol.	1º grau	2º grau	CSUIP	CSOIP	CSUJ	CSOJ	AV	DP
0,79	0,23	0,60	0,44	0,57	0,33	(0,50)	0,75	0,03	0,06	0,60	0,93	0,46

O método de convergência e interação previu um “input” de 0,12 mediando um aumento considerável de grupo em análise, dada a ligação dos três níveis (dois fatores lingüísticos: caráter surdo/sonoro e um social), porque os informantes não-escolarizados tinham um peso relativo de 0,42, passando a 0,57; o primeiro grau com 0,55 passou a 0,33 e o segundo grau passou da área de cercania para a área neutra (de 0,52 para 0,50).

Tabela 18 – Convergência e interação para as palatais

Surdo	Son.	Fem.	Masc.	Não-escol.	1º grau	2º grau	CSUIP	CSOIP	CSUJ	CSOJ	AV	DP
0,71	0,26	0,57	0,38	0,40	0,54	0,67	0,47	0,42	0,60	0,81	0,09	0,68

A célula das palatais tiveram uma conduta parecida às das alveolares, cuja sistematização dos dados desvenda que o contexto fonológico e o caráter surdo/sonoro do segmento são as causas de modificação do peso relativo anterior (tabela 16). Na tabela 16, tivemos os informantes com menos escolaridade com 0,40 que se manteve na tabela 18; na categoria intermediária (1º grau) houve uma queda no peso relativo de 0,59 para 0,54 e na categoria final (2º grau) tivemos um aumento considerável de 0,61 para 0,67.

Tabela 19 – Convergência e Interação para a glotal

Surdo	Son.	Fem.	Masc.	Não-escol.	1º grau	2º grau	CSUIP	CSOIP	CSUJ	CSOJ	AV	DP
0,90	0,09	0,70	0,29	0,67	0,52	0,21	0,31	0,93	0,09	0,89	(0,51)	0,28

Tabela 20 – Convergência e Interação para o zero fonético

Surdo	Son.	Tôn.	Áton.	Não-escol.	1º grau	2º grau	CSUIP	CSOIP	CSUJ	CSOJ	AV	DP
0,88	0,11	0,70	0,29	0,58	0,56	0,34	0,47	0,64	0,74	0,42	0,36	0,64

As tabelas 19 (glotal) e 20 (zero) não oferecem resultados alterados, mantendo-se, nas três divisões escolares, proporções equivalentes às geradas na tabela principal (tabela 16).

7.5.4 Conclusão parcial

Na análise binária efetuada, seguimos a ordenação das 4 regras variáveis apresentadas da seguinte forma: as variantes palatais opondo-se à variante glotal [h], ao apagamento [ø] e às alveolares [ʃ z]; as alveolares [s, z] opondo-se ao apagamento [ø], às palatais [ʃ, ʒ] e à glotal [h]; as palatais [ʃ, ʒ] opondo-se ao apagamento [ø], às alveolares [s, z], à glotal [h]; e a glotal [h] opondo-se às alveolares [s, z], às palatais [ʃ, ʒ] e ao apagamento [ø]. Assim, determinamos todos os procedimentos analíticos e reunimos os resultados em dois grupos, os mais significativos e os menos significativos.

•Consideramos os grupos lingüísticos e extra-lingüísticos mais significativos os que foram elegidos pela análise binária e foram relacionados como elementos influenciadores do processo pesquisado, estes são: os segmentos fônicos, tonicidade, classe

morfológica, sonoridade, sexo, escolaridade e faixa etária.

- As variáveis consideradas como menos significativas selecionadas pelo programa Varbrul, especificamente no programa “Ivarb” — método Step down —, foram: modo de articulação vs. grau de altura das vogais; zona de articulação das vogais, zona de consoantes vs. tempo de duração da pausa; classe social/renda e grau de interação entre os fatores.

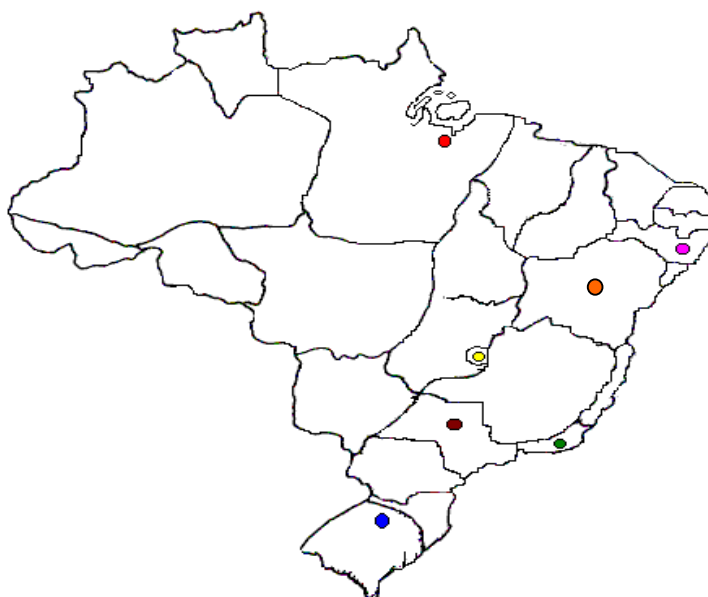
5.5 Comparação de dados

Nesta fase da pesquisa, mostraremos os resultados obtidos na primeira etapa sobre a variável dependente por nós estudada, correlacionando-a com os outros trabalhos realizados em sete pontos do Brasil. Nessa segunda fase não temos a pretensão de realizarmos uma pesquisa de cunho dialetológico, e sim de fazermos uma amostragem acerca da variação do /s/ pós-vocálico, analisando quais as cidades brasileiras se assemelham à cidade de Belém.

Mesmo não desenvolvendo uma estudo dialetológico nesta fase comparativa, optamos pela divisão geográfica apresentada por Nascente (1922 *apud* Cardoso 1996, p. 183-84), que propõe dois grandes grupos no Brasil, o do Norte e o do Sul, subdivididos em seis subfalares: amazônico, nordestino, baiano, fluminense, mineiro e sulista.

De acordo informações acima, mostraremos o primeiro dos quatro mapas de dados comparativos:

MAPA 01 - PALATAIS



- Belém - 69% - Carvalho (1999)
- Recife - 69,5% - Callou & Marques (1996)
- Salvador - 44% - Callou & Marques (1996)
- Salvador - 20% em média - Canovas (1996)
- Salvador - 67,31% e 54,70%- Rollemberg (1996)
- Brasília - 60% - Bortoni (1991)
- Rio de Janeiro - 63% - Scherre & Macedo (1991)
- Rio de Janeiro - 82,5% - Callou & Marques (1996)
- Rio de Janeiro - 85,4% - Callou & Marques (1975)
- São Paulo - 5% - Callou & Marques (1996)
- Porto Alegre – 3%- Callou & Marques (1996)

Observamos a percentualidade contida no mapa 01 a fim de compararmos sete cidades brasileiras: Belém, pólo de pesquisa desta dissertação, localizada na região Norte; Salvador e Recife, região nordestina; Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, região Sudeste; Porto Alegre, região Sul. Essas divisões são concernentes a geografia do Brasil, mas conforme a divisão dialetal de Nascentes (*idem*), realizaremos a comparação de resultados obtidos em diversos autores.

Percebemos que as palatais imperam, na pronúncia dos falantes belenenses, pois

obtivemos um percentual de 69% dessa variante. Na cidade de Recife, que representa o falar nordestino, chega em torno dos 69,5% o uso das palatais, de acordo com o estudo comparativo desenvolvido por Callou & Marques (1996). Vislumbrando as duas percentagens, averiguamos que o emprego da variante palatal nas duas cidades está equilibrado.

Já em Salvador (falar baiano), utilizamos dados de três trabalhos, nos quais notamos probabilidades diferenciadas. Em Callou & Marques (1996) 44%, em Canovas (1996), 20% em média, Rollemberg (1996), 61%. As pesquisas mostram discrepância dos resultados, embora todos os falantes-ouvintes sejam baianos da mesma região, e possuam escolaridades aproximadas. Essas diferenças poderiam ser explicadas pelo fato de Callou & Marques terem trabalhado com informantes com 3º grau completo em D.I.D.

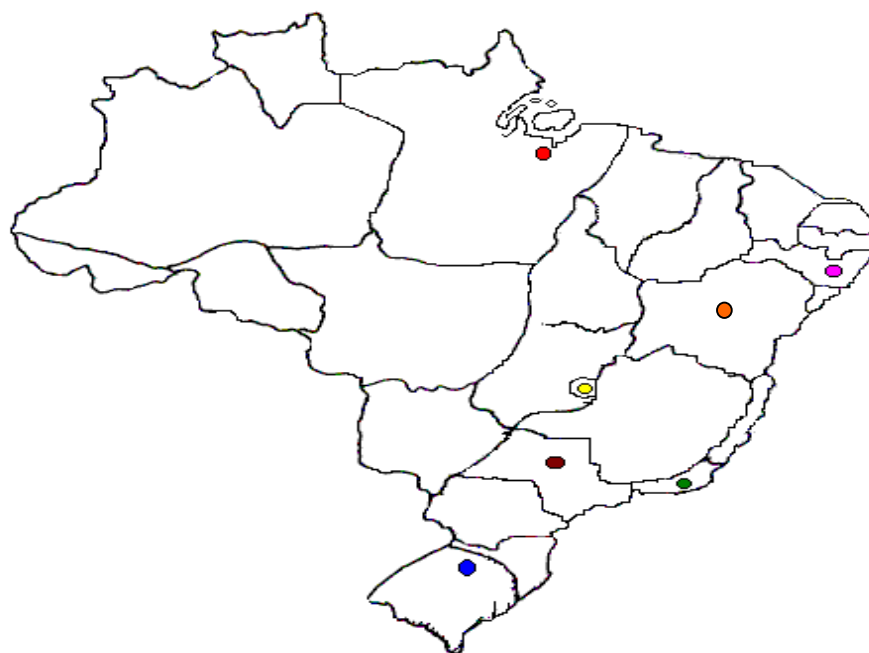
Em Canovas, 20%, em média, com os de 1º grau completo ou não, 2º grau completo e 3º grau completo — D.I.D.; Rollemberg, 1º grau, 2º grau (no D.I.D., 54.70%; e no E. F., 67.31%), de ambos sexos. Somente Canovas usou informantes femininos, isso pode ter acarretado a distinção devido às mulheres apresentarem a tendência a serem mais conservadoras na Bahia, empregando a variedade padrão [s, z].

Ao confrontar esses dados da Bahia com os de Belém, notamos que a média se mantém — as mulheres apresentaram 73% e os homens 66%. No Rio de Janeiro (falar fluminense), Scherre & Macedo (1991) detectaram 63%, Callou & Marques (1996b), 82.5%, Callou & Marques (1975a) 85,4%, havendo uma produtividade extensa das palatais.

Em Brasília, Bortoni (1991) notifica 60%, afirma que os brasilienses seguem o falar fluminense quando querem demonstrar prestígio. Nas cidades de São Paulo 5% e Porto Alegre 3% falares sulistas. Callou & Marques (1996) revelam o baixo acontecimento das palatais.

Englobando todas as cidades, descobrimos que nas 7 localidades brasileiras há uma forte propensão à palatalização e considerando-se os dados pesquisados, os resultados de Scherre & Macedo (*ibem*), Callou et al. (*ibem*), Rollemberg apresentaram-se mais semelhantes ao estudo feito em Belém.

MAPA 02 - ALVEOLARES



Belém - 22% - Carvalho (1999)

Recife - 35% - Callou & Marques (1996)

● Salvador - 45% - Callou & Marques (1996)

Salvador - 62,60% em média – Canovas (1996)

Salvador - 32,69% e 45,30% - Rollemberg (1996)

● Brasília - 24,6% - Bortoni (1991)

● Rio de Janeiro - 23% - Scherre & Macedo (1991b)

Rio de Janeiro - 16,5% - Callou & Marques (1996)

- Rio de Janeiro - 14,6% - Callou & Marques (1975)
- São Paulo - 85% - Callou & Marques (1996)
- Porto Alegre 82- %- Callou & Marques (1996)

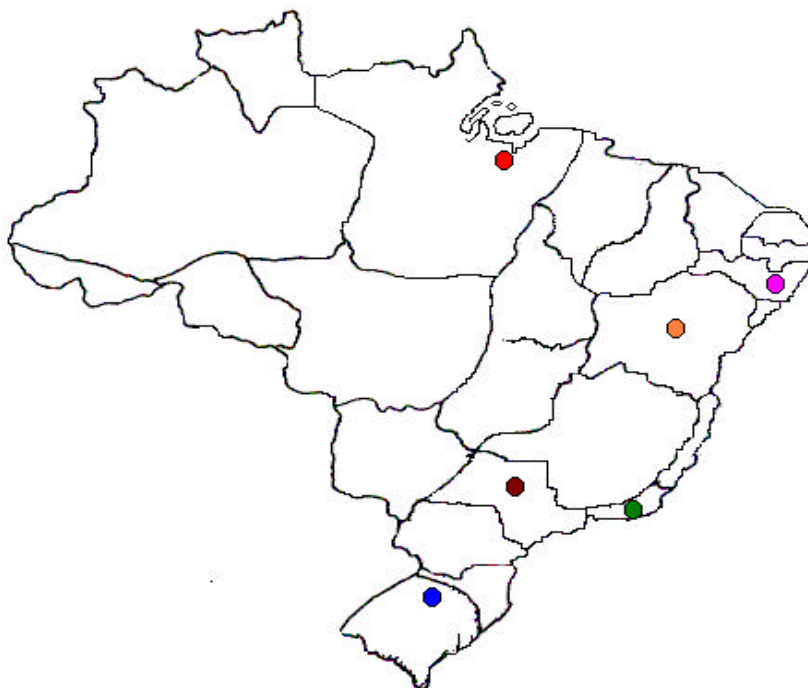
No mapa 02, constatamos que as alveolares têm um comportamento similar ao das palatais. Na cidade de Belém, reconhecemos, ao confrontá-la com as outras cidades, um percentual relevante de 22%, além de vermos que, no Rio de Janeiro, há uma discordância de 10% entre as autoras pesquisadas.

Em Salvador, Callou & Marques (1996) vs. Rollemberg (1996) oferecem probabilidades balanceadas (45% - 32.69% e 45.30%), tendo amostras desiguais em Canovas (1996) de 62.60%. Canovas ressalta que os falantes tinham preferência pelo uso da variável dependente alveolares, por esta ser considerada prestigiada.

Os nordestinos de Recife empregaram em média 35% as alveolares [s, z] e os sulistas das cidades de Porto Alegre e São Paulo a usaram cerca de 80% e 85%, estando esses índices entre os mais altos de todas as cidades analisadas. Reconhecemos que esses pólos mantiveram o emprego da primeira variante falada na região, segundo dados de Rollemberg (1996).

Novamente os resultados alcançados Scherre & Macedo e Callou & Marques referentes a fala do Rio de Janeiro, e Rollemberg, são os mais se aproximaram da polaridade averiguada na fala belenense.

MAPA 03 - GLOTAL²⁵



Belém - 3% - Carvalho (1999)

Recife - 3,1% - Callou & Marques (1996)

● Salvador - 1% - Callou & Marques (1996)

Salvador - 5,21% em média – Canovas (1996)

● Rio de Janeiro - 6% - Scherre & Macedo (1991)

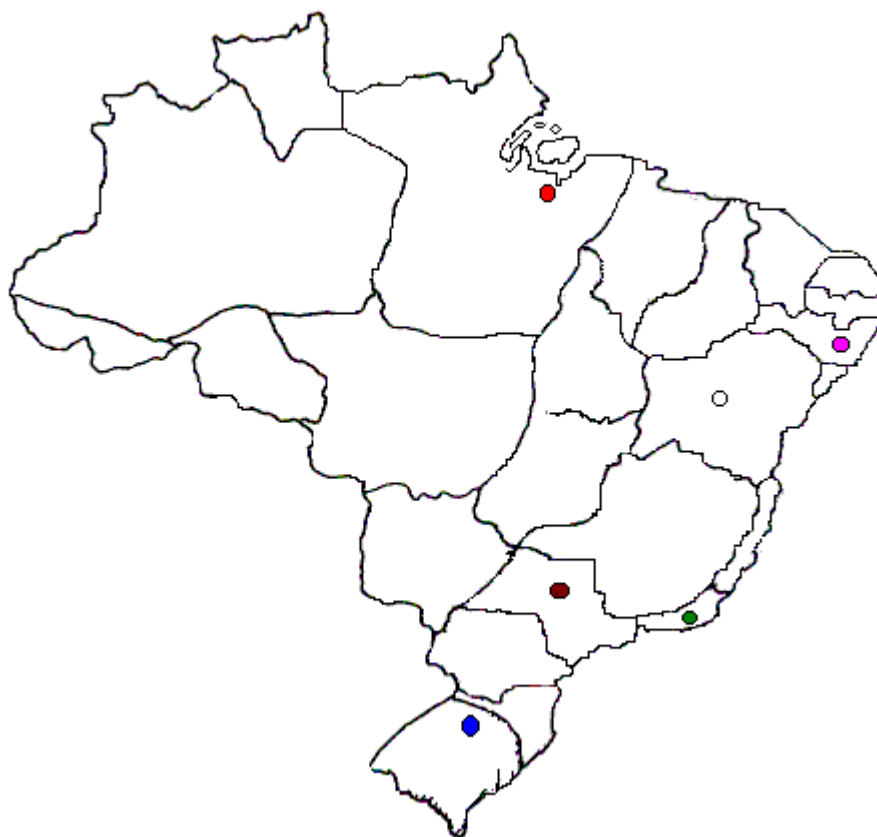
Rio de Janeiro - 0,5% - Callou & Marques (1996)

● São Paulo - 5% - Callou & Marques (1996)

● Porto Alegre – 5% - Callou & Marques (1996)

²⁵ Nos mapas 03 e 04, não entrará a cidade de Brasília, pois os estudos da pesquisadora ainda não foram concluídos sobre tais variantes.

MAPA 04 - ZERO FONÉTICO



Belém - 5% - Carvalho (1999)

Recife - 2,35% - Callou & Marques (1996)

● Salvador - 1,55% - Callou & Marques (1996)

Salvador - 2,64% em média – Canovas (1996)

● Rio de Janeiro - 8% - Scherre & Macedo (1991)

Rio de Janeiro - 0,5% - Callou & Marques (1996)

● São Paulo - 5% - Callou & Marques (1996)

● Porto Alegre - 12% - Callou & Marques (1996)

A glotal mostrada no mapa 03 girou em torno dos 3% a 5% nos municípios de Belém, Recife, São Paulo, Porto Alegre. No falar fluminense existe uma enorme divergência entre as análises de Callou (1996) — com 0,5%, o estudo mais atual — e Scherre (1991) com 6%. Podemos concluir que ocorreu um processo redutível na propagação da glotal. Entretanto, as conclusões no falar baiano leva-nos a concluir que tais

informantes, dependendo da situação, tendem a aspirar mais conforme Canovas (1996).

No mapa 04, o apagamento é visto sob diferentes perspectivas. Nos falantes belenenses, temos uma queda do /s/ pós-vocálico na proporção de 5 em 100%; nos fluminenses, 8% apagam em Scherre e 0,5 % em Callou; os sulistas ficaram com média de 10% em Porto Alegre e 5% em São Paulo. Os nordestinos e baianos atingiram os 2%.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos a pesquisa acerca das realizações dos /s/ pós-vocálico na fala belenense, registramos a ocorrência de quatro variantes: as palatais [ʃ, ʒ], alveolar [s, z], a glotal ou glotal [h] e o zero fonético [∅]. Levantamos algumas hipóteses sobre o que estaria ocasionando tal variação, assim pudemos identificar quais os elementos morfológicos, fonéticos e sociais que operavam como condicionadores no /s/ pós-vocálico.

Por isso, investigamos quais seriam os grupos de fatores, entre os 11 estudados, os influenciadores no falar amazônico pesquisado. Posteriormente ao procedimentos de coleta, transcrição e codificação numérica dos dados, fizemos uma análise quantitativa apoiada no programa computacional denominado Varbrul, utilizando, para isso, o Ivarb e Crosstab. No intuito de valorizar e facilitar o processo analítico, mais coerentemente, observamos quatro regras de ordenação que nortearam toda a descrição aqui efetuada.

Chegamos à conclusão de que há uma nítida oposição entre as quatro variantes. Embora estas coexistam tanto no dialeto quanto no idioleto, não apresentam a mesma produtividade.

Dividimos o nosso trabalho em duas partes. Na primeira, ficaram os resultados das variáveis lingüísticas mais significativos; na segunda, os menos significativos selecionados e eliminados a partir do componentes da junção do “Input”, “log likelihood” e “significance”.

O Input, isoladamente, gerou uma probabilidade para as palatais no valor de 0,69 a 0,72; para alveolares, de 0,12 a 0,15; para glotal, de 0,1 até 0,6 e, para o zero, de 0,7. Não podemos esquecer que, dentro da própria aplicação do programa, pode ocorrer uma margem de erro de 0,5, ou seja, de 5%. Essa margem de erro foi escolhida pelo autor do programa, Sankoff (1988), considerando assim qualquer valor acima de 0,5 significativo e se menor, insignificante. As probabilidades apresentadas refletem o Input das regras no Stepup, mostrando que a regra de ordenação número 1 [ʃ, ʒ] versus [s, z], [h], [ø] é um dado representativo devido ao Input altíssimo dessa aplicação, seguida pelas alveolares, apagamento e glotal.

Destacamos a baixo as variáveis que demonstraram ser de relevância dentro da pesquisa:

- Comprovamos que o segmento fônico posterior é muito importante para a presença das variantes, nas quais percebemos que:
 - a consoante sonora interna à palavra favorece a glotal e o apagamento;
 - a consoante surda interna à palavra favorecem as palatais;
 - consoante sonora em junctura condicionam também o uso das palatais e da glotal;
 - a consoante surda em junctura influencia, favoravelmente, a variante palatais, especificamente a palatal [] e o zero fonético [ø];
 - antes de vogal há sempre a presença das alveolares e antes de pausa ocorre as palatais .

- Verificamos que a tonicidade proporciona que, em sílaba tônica, aconteça a variável dependente glotal e alveolares, também uma medição de forças entre as palatais e o zero fonético em sílaba átona; a sonoridade, teve um “Input” muito bom, cerca de 0,58. Essa

variável se mostra ainda mais reveladora, quando agrupada a outras variáveis dependentes com a tonicidade e o contexto fonológico, pois aumenta seu grau de significância. A pronúncia da /s/ pós-vocálico seguido de segmento surdo/sonoro forneceu uma produção exata de cada variável, estando as palatais favorecidas no caráter surdo/sonoro e havendo uma intensa competitividade dessas variantes com as outras três variantes no contexto sonoro.

- Averiguamos que a variável independente classe morfológica provoca as ocorrências das seguintes variações: as palatais ocorrem mais polarizadas em substantivo, verbo, numeral, advérbio, artigo e adjetivo; as alveolares em pronome e conjunção; glotal por advérbio, preposição e conjunção e o apagamento ocorre em maior frequência em advérbio, conjunção e verbo.

Com base nos fatores sociais vislumbramos que:

- os de escolaridade mais alta usaram as palatais; os de não-escolarizados preferiram usar a glotal e o apagamento. Os que tinham o 1º grau completo, estando na faixa intermediária, na qual as quatro variantes estão em equilíbrio.
- a variável sexo foi selecionada por três variantes no **Step up**, apresentando-se com um fator social mais preponderante, ocasionou uma realização masculina (glotal, zero fonético, palatais) diferenciada da feminina (palatais e alveolares).
- quanto à idade do falante, notamos que essa categoria mostrou-se distinta das previsões feitas, assim os informantes mais novos foram os que usaram as variantes palatais, glotal e zero fonético de forma nivelada; os que estavam na segunda faixa (26-45anos) foram mais conservadores, utilizando somente as palatais; e os mais velhos, com a frequência maior da glotal.
- a classe social/renda foi um grupo cujos resultados não revelaram dados tão

modificadores e condicionadores na análise, sendo o único fator social selecionado pelo Stepdown (grupo menos significativo).

A respeito das variantes lingüísticas menos significativas que não são totalmente polarizadoras para o fenômeno em questão, podemos destacar, primeiramente, a zona de articulação vocálica pois favorece somente as alveolares. A zona de articulação consonantal teve efeito parecido ao da zona vocálica, porque as consoantes estudadas condicionaram mais algumas variantes que outras, por exemplo a bilabial produziu, por conseguinte, as palatais, a glotal e o zero fonético; a alveolar favoreceu às palatais, a glotal e o zero fonético; a labiodental favoreceu às palatais; a velar polarizou às palatais e a consoante palatal condicionou mais às alveolares e às palatais.

No grau de altura das vogais vs. modo de articulação das consoantes vs. tempo de duração da pausa, documentamos que as vogais altas, médias e baixas somente condicionam a permanência das alveolares [s, z] e da glotal [h]. No modo articulatorio, as consoantes oclusivas favorecem às palatais, as fricativas polarizaram às palatais e a glotal, as laterais condicionaram a presença das palatais, sendo que, nasais polarizam a presença tanto da glotal quanto do apagamento. Dizemos que não é tão relevante o tempo de duração da pausa, pois ambas proporcionam a polarização da variantes palatais.

O grau de interação somente revelou-se aplicativo nos contextos para as palatais e glotal, permanecendo em interação negativa para o zero fonético. Na maioria dos exemplos retirados do Corpus ficaram em zona neutra ou áreas de cercanias.

Quanto a comparação feita entre a cidade de Belém e outras cidades brasileira, averiguamos que nos trabalhos de Scherre & Macedo (1991) e Callou & Marques (1996), referentes a cidade do Rio de Janeiro, são os que mais se aproximam da realidade belenense.

Em relação às hipóteses levantadas no princípio deste trabalho confirmamos que:

(i) no contexto fônico posterior, a pausa favorecerá o uso das variantes palatais; a vogal favorecerão a utilização das alveolares- especificamente a alveolar sonora [z]- e a consoante nasal interna à palavra favorecerá tanto o uso da glotal quanto o apagamento.

Na consoante nasal, há de se fazer uma ratificação, o /m/ e /n/ favorecem mais a glotal com 0,93 que o apagamento, embora essa variável dependente tenha uma elevada taxa 0,66.

(ii) em relação ao grau de tonicidade da sílaba que contém o segmento, a sílaba tônica favorecerá o uso das alveolares e da glotal; a sílaba átona favorecerá as palatais e do zero fonético.

Nessa segunda hipótese, observamos que somente o item foi comprovado.

Quanto aos grupos de fatores extra-lingüísticos sociais tínhamos proposto que:

(i) a faixa etária de 15-25 anos usaram mais as alveolares;

(ii) o apagamento será favorecido pelos informantes que estão na terceira faixa etária (mais de 46 anos);

(iii) quanto ao fator sexo, os informantes femininos tendem à utilização da variante de prestígio, no caso, as variantes palatais

(iv) os informantes pertencentes à classe baixa usarão mais a glotal que a classe média.

Considerando todas essas comprovações acima apresentadas, concluímos que, no falar amazônico, representado pelo fala de informantes belenenses, há um uso maciço das palatais, porém temos também nesse falar a presença de outras três variantes as alveolares, a glotal e o zero, em proporções menores; todas essas variáveis dependentes estão vinculados às outras variáveis independentes, isto é, aos fatores lingüísticos e extra-lingüísticos que provocam tal variação.

RESUMÉ

Dans ce travail nous proposons d'étudier la variation du phonème /s/ post vocalique dans le portugais brésilien parlé à Belém. Il s'agit de systématiser les réalisations phonétiques de /s/ qui se présentent comme : [s, z], [,], [h] et la réalisation phonétique zéro [∅]. Nous prenons pour base théorique et méthodologique la théorie de la variation selon Labov (1972) et les postulats de Scherre & Macedo (1991). L'analyse quantitative est faite à partir du programme VARBRUL qui permet de vérifier la fréquence et la probabilité des groupes de facteurs linguistiques et extralinguistiques. Une comparaison est enfin établie entre les résultats de Belém et ceux d'autres régions du Brésil.

7 BIBLIOGRAFIA

7.1 Referências bibliográficas

- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. *Atlas Lingüístico do Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, 1984.
- ARANTES, L. *Uma visão socio-metodológica dos estudos lingüísticos*. Europa: América, 1993.
- BORTONI, Stela Maria. O sotaque de Brasília. *Ciência Hoje*. São Paulo, n. 21, p. 55, maio. 1993.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil*. In: MOTA, Jacira, ROLLEMBERG, Vera (organizadoras). *Atlas do 1º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística: conferências - mesa-redondas*, Salvador: ABRALIN; FINEP: UFBA, 1996, p. 180-86.
- CALLOU, Dinah, MARQUES, M. D. *O -s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Littera, 1991.
- _____. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Diversidade Lingüística e Ensino*. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 1996, EDUSBA.
- CANOVAS, Maria Irene Francisco. *Variação fônica de /s/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala da cidade de Salvador*. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1991. (Dissertação de Mestrado)
- _____. *Variação fônica de /s/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala da cidade de Salvador*. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Diversidade Lingüística e Ensino*. Universidade Federal da Bahia, 1996, EDUSBA.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica - introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Parte I*. Campinas - São Paulo: Edição do autor, 1997.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CAMPOS, L. *Um estudo fonético-fonológico do /s/ pós-vocálico*. São Paulo: HUCITEC, 1983.
- CASTILHO, Ataliba. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992. (Série Fundamentos)

- CINTRA, L. F. Lindley. *Estudos de dialetologia portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1983. In: MOTA, Jacira, ROLLEMBERG, Vera (organizadoras). Atlas do 1º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística: conferências - mesa-redondas, Salvador: ABRALIN; FINEP: UFBA, 1996.
- CEDERGREN, H.J. *Consideraciones sociolingüísticas sobre la microevolución lingüística*. Actas del 1 Congreso Internacional sobre el Español de América. San Juan, Puerto Rico, 1981.
- CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém, UFPA, 1973. V. 1 (Col. Amazônia, Série José Veríssimo)
- DÜBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ELIAS, Silvio. *Sociolingüística: Introdução*. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.
- FISHER, J. L. Social. Influence on the choice of a linguistic variant word. p.14: 47-56. 1958.
- FREITAS, Leda Maria Costas de. *Realizações da flexão das formas verbais de 3ª pessoa na fala de paraenses*. UFPA, 1996.
- GONÇÁLVES VIANA, A. R. *Estudos de Fonética portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1973.
- GRYNER, H. & MACEDO, A. V. T. *A pronúncia do /S/ pós-vocálico na região de Cordeiro, R. J.* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1981, mimeo.
- HORA, Dermeval *et al.* *As consoantes do português*. In: BISOLI, Leda (organizadora). Introdução aos estudos da fonologia do português. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- KEMP, William. Major sociolinguistic patterns in Montreal french. In SANKOFF, David, CEDERGREN, Henrietta. (eds). *Variation Omnibus*. Canada: Linguistic Research, Inc. 1981.
- LABOV, William.. *The social stratification of English in New York*. Washington, D. C. Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. On the use of the present to explain the past. In: SILVA, Giselle Machline de O. e várias perspectivas sociolingüísticas de focalizar um problema a mudança Atlas do 1º. Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Salvador: UFBA, 1996.
- _____. *Resolving the neogrammarian controversy*. Language. V. 57, n. 2, p. 267-308, 1981.
- LOPEZ, Barbara Stroot. *The sound pattern of brazilian portuguese: cariocan dialect*.

- California: University of California, Ann Harbor, University Microfilms, Internacional, 1979.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *Fonologia do Português*. 2.ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1987.
- MOLLICA, M. C., GONÇALVES, C. A. *Variacionismo e difusionismo em estudos sobre mudança lingüística*. In: MOTA, Jacira, ROLLEMBERG, Vera (organizadoras). Atlas do 1º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística: conferências - mesa-redondas, Salvador: ABRALIN; FINEP: UFBA, 1996, p. 152-59.
- NARO, Anthony J. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*: In: MOLLICA, M. C., GONÇALVES, C. A. *Variacionismo e difusionismo em estudos sobre mudança lingüística*. Atlas do 1º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística: conferências - mesa-redondas, Salvador: ABRALIN; FINEP: UFBA, 1996.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. IN: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Atlas do 1º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística: conferências - mesa-redondas, Salvador: ABRALIN; FINEP: UFBA, 1996.
- NINA, Terezinha de Jesus de Carvalho. *Aspectos da Variação Fonética-fonológica na Fala de Belém*. Rio de Janeiro, 1991. Tese (Doutorado), UFRJ.
- OLIVEIRA, Fernão de. *A Gramática da Linguagem portuguesa*. Introdução, leitura e notas por Maria Lenor Carvalhão Buesco Lisboa. Impresaa Nacional / Casa da Moeda.1975.
- PESSOA, Maria A. F. *Um processo de enfraquecimento na fonologia portuguesa*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 1986, mimeo.
- RAMOS, A. *Metodologias para estudos sociais*. Belém: Cejup/UFPA, 1997.
- ROLLEMBERG, Vera. *Variantes lingüísticas e prestígio*. IN: Cardoso, M. Atlas do 1o Congresso Internacional da ABRALIN, 1996. p. 168-174.
- RONCARATI, C. N. S.; UCHOA, J. A. C. et al. *Enfraquecimento das fricativas sonoras*. Relatório Final: Projeto Dialectos Sociais Cearenses. Ceará: FINEP/FCPC/UFC, 1988.
- ROUSSEAU, P., SANKOFF, D. Advances in variable rule methodology. In:- (orgs.) SANTOS,
- SANKOFF, David. *Linguistic variation models and methods*. New York Academic Press.1973.
- SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ubrich, DITTMAR, Norbert att.ali (eds). *Sociliguistics-An International Handbook of the science of language and society*. Berlin / (New York). 1998, p. 984-98.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). *Introdução ao pacote Varbrul versões 1988/1992*.

- Rio de Janeiro: Universidade Federal Rio de Janeiro - Faculdade Letras, 1992. (Manual do usuário)
- SCHERRE, Maria Marta Pereira, MACEDO, Alzira V. Tavares. *Varição e Mudança: O caso do S pós-vocálico*. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística. São Paulo, n. 11, p. 165-80, 1991.
- SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1979.
- SILVEIRA, Regina Célia Peglicchi da. *Estudos de fonologia portuguesa*. São Paulo: Cortez, 1986.
- SOUZA, Claudia Nívia Roncarati. *Fatores Fonológicos*. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Pará: UFPA, 1992. P.39-46 (Cadernos Didáticos)
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo. Ática, 1985. (Série Principios)
- VIEIRA, Maria de Nazaré da Cruz. *Aspectos do falar paraense*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1983.
- VOTRE, Sebastião. *A pesquisa de campo em lingüística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

7.2 Bibliografia consultada

- ANDERSON, S. *The Organization of Phonology*. New York: Academic Press, 1974.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. *Análise Fonética-Fonológica do Falar Paraibano*. João Pessoa: Editora Universitária, 1977.
- BARBEIRO, Luís Felipe Tomás. *Estrutura Silábica do Português: O papel da sílaba análise dos processos fonéticos*. Lisboa, 1986. Tese (Mestrado). Universidade de Lisboa.
- CALLOU, Dinah, LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CASTILHO, Ataliba. (org.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Queros, 1986.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CORRÊA, Hydelvidia. *O Falar do Caboclo Amazonense: Aspectos fonético-fonológicos e*

- léxico-semântico de Itacoatiara*. Rio de Janeiro, 1980. Dissertação (Mestrado). UFRJ.
- COSTA, Antônio Cândido. *A fundação de Belém: reivindicação histórica*. Belém: Loyal, 1915.
- COSPA, Ápio Campos. Estudo Atual dos Estudos filológicos e lingüísticos no Pará. *Revista de Portugal*. Série A, n. 31, p. 134, 1966.
- CRISTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. São Paulo: Zahar, 1985.
- FERREIRA, C. *Diversidade do português do Brasil, estudos de dialetologia rural e outros*. Bahia: UFBA, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.
- FIORETI, Maria Teresa, PINTO, Ivone Isidoro. *Turorial para o pacote VARBRUL*. Rio de Janeiro: UFRJ, maio. 1992.
- GUMPERZ, Jonh. *Discourse Strategies*. Cambridge: University Press, 1982. (Studies in interacional sociolinguistic).
- GUY, Gregory R. *Linguistic variation in brazilian poortuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia, 1981. Dissetation (P. H. D.) University of Pennsylvania, 391p., mimeo.
- HURLEY, Jorge. *Noções de Histórias do Brasil e do Pará*. Belém, Inst. Lauro Sodré, 1938.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992. (Série Fundamentos)
- LABOV, W.. *Sociolinguistique*. Paris: Les Editions de Minuit, 1976.
- _____. What can bie learned about change in progress from synchronic descriptions?. In: SANKOFF & Ledergren, Henrietta. *Variation Om ni bus*. Canadá: Linguistic Research, Ine. 1981, p. 177-199.
- _____. Building on empirical foundations. In: LEHMANNNA, W. P., MALKIEL, y. (eds.). *Perspectives on historical foundations*. Amsterdan/ Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 1982.
- LYONS, Jonh. *Linguagem e Lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MAGO, Diane Dal. *Aspectos Fonológicos segundo uma perspectiva não-linear: a líquida /l/ em questão*. V Seminário Catarinense de Iniciação Científica, Florianópolis, 1995.
- MOLLICA, Maria Cecília & MARTELOTTA, Mário Eduardo (organizadores). *Análises Lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. UFRJ: Rio de Janeiro, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)
- _____. *Linguagem e classes sociais*. Porto Alegre: Movimento, 1975.
- PONTES, Dino. *O tópic do Português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

- _____. *Regra Variável /r/ Estrutura Sociolingüística - um caminho para a sistematização da variação lingüística*. São Paulo, 1996. Dissertação (Doutorado) UNESP.
- ROLLEMBERG, Jacira. A variável sexo em fatos de ordem fonológica na norma culta de mesa-redonda: Sexo e suas relações com outras variáveis. Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL. Goiânia, 1993.
- ROQUE, Carlos. Belém uma história de 370 anos. *A província do Pará. Caderno Especial*. Belém, p. 10, 15 nov. 1986.
- SCHANE, S. *A Fonologia Gerativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- TARALLO, Fernando. *Por uma Sociolingüística Românica paramétrica: Fonologia e Sintaxe*. (falta a editora, local de publicação) 1987. (Ensaio de Lingüística)
- _____. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas - São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. (Coleção linguagem - crítica)

Variantes	Fatores	PR	Variantes	Fatores	PR
[, ʒ]	CSOIP	0,93	[, ʒ]	S. Átona	0,56
[s, z]	CSOIP	0,66	[ø]	S. Átona	0,56
[, ʒ]	CSUIP	0,67	[, ʒ]	Advérbio	0,63
[, ʒ]	CSOJ	0,64	[h]	Advérbio	0,68
[h]	CSOJ	0,70	[ø]	Advérbio	0,83
[ø]	CSOJ	0,76	[, ʒ]	Artigo	0,69
[, ʒ]	CSUJ	0,73	[, ʒ]	Adjetivo	0,61
[s, z]	AV	0,96	[, ʒ]	Substantivo	0,79
[, ʒ]	AP	0,79	[h]	Preposição	0,55
[ø]	AP	0,63	[s, z]	Conjunção	0,68
[s, z]	S. Tônica	0,58	[ø]	Conjunção	0,75
[h]	S. Tônica	0,71	[s, z]	Pronome	0,62

[, ʒ]	Verbo	0,59	[, ʒ]	Fem.	0,68
[, ʒ]	Numeral	0,60	[, ʒ]	Masc.	0,57
[ʃ]	Surdo	0,70	[h]	Masc.	0,60
[z]	Sonoro	0,80	[ø]	Masc.	0,56
[h]	Sonoro	0,89	[, ʒ]	15-25	0,58
[ø]	Sonoro	0,84	[h]	15-25	0,57
[h]	não-escl.	0,66	[ø]	15-25	0,59
[ø]	não-escl.	0,59	[, ʒ]	26-45	0,60
[, ʒ]	1º grau	0,59	[, ʒ]	+ 46	0,59
[ø]	1º grau	0,56	[h]	+ 46	0,64
[, ʒ]	2º grau	0,66			
[s, z]	Fem	0,61			

ANEXO 02

Número de informantes	Sexo	Escolaridade	Classe social	Faixa Etária
14 informantes	07 homens	02 não-escol.	03 baixa 04 média	15-25 anos
		03 1º grau		
		02 2º grau		
	07 mulheres	02 não-escol.	03 C. baixa 04 C. média	
		03 1º grau		
		02 2º grau		
14 informantes	07 homens	02 não-escol.	03 C. baixa 04 C. média	26-45 anos
		02 1º grau		
		03 2º grau		
	07 mulheres	02 não-escol.	03 C. baixa 04 C. média	
		02 1º grau		
		03 2º grau		
14 informantes	07 homens	03 não-escol.	03 C. baixa 04 C. média	mais 46anos
		02 1º grau		
		02 2º grau		
	07 mulheres	03 não-escol.	03 C. baixa 04 C. média	
		02 1o grau		
		02 2o grau		

Temos informantes distribuídos pelos seguintes bairros:

Cidade Velha, Cremação, Nazaré, São Brás, Sacramento, Pedreira, Marambaia, Telegráfo, Marco, Terra firme, Guamá, Tapanã, Benguí e Coqueiro.

Anexo 03

Anexo 04 - Roteiro com os temas das Entrevistas

Temas discutidos:

1. Família (falar sobre os filhos - nascimento, período escolar, doença e etc-; como conheceu o(a) esposo(a); morte de um ente querido,
2. Contar uma situação, na qual esteve em perigo (um assalto ou um acidente)
3. Viagens de Férias;
4. Falar de fatos que marcaram a infância do entrevistado.
5. Falar sobre a sociedade (diferença de comportamento entre gerações, aborto, sexualidade, violência urbana, desemprego, educação, política, religião, salário mínimo);
6. A diferença entre Belém atual e Belém antigamente.
7. Futebol (times de preferência do entrevistado, campeonatos regionais, nacionais e/ou internacionais; copas do mundo; treinadores, formação de equipes) e
8. Esportes em geral (preferência, aptidões, competições regionais ou estaduais, jogos olímpicos).

Anexo 05 – Símbolos Fonéticos

PONTO DE ARTICULAÇÃO		L	L	D	A	A	P	V	G
		A	A	E	L	L	A	E	L
MODO DE ARTICULAÇÃO		B	B.	N	V	V	L	L	O
		I	D	T	E	E	A	A	T
		A	D	A	O	O	T	R	A
		L	E	I	L	L.	A	E	L
		L	S	S	A	P	S	S	L
		L	S	S	R	A	S	S	L
OCLUSIVAS	surdas	p		t				k	
	sonoras	b		d				g	
NASAIS	sonoras	m		n					
Tepe ou flepe				r					
FRICATIVAS	surdas		f		s				h
	sonoras		v		z				
LATERAIS	sonoras			l					
VIBRANTES	sonoras			r					
AFRICADAS	surdas						tʃ		
	sonoras								
SEMY-VOGAIS							j	ω	

	Anterior	central	posterior
Alta	i ɪ		u ʊ
média	e		o õ
baixa) a	

ANEXO - 05*Símbolos das consoantes, semivogais e vogais*

- p oclusiva bilabial surda
- b oclusiva bilabial sonora
- t oclusiva alveolar surda
- d oclusiva alveolar sonora
- k oclusiva velar surda
- g oclusiva velar sonora
- m nasal bilabial sonora
- n nasal alveolar sonora
- nasal palatal sonora
- r vibrante alveolar sonora
- r flepe alveolar sonora
- f fricativa labiodental surda
- v fricativa labiodental sonora
- s fricativa alveolar surda
- z fricativa alveolar sonora
- ʃ fricativa palatal surda
- ʒ fricativa palatal sonora
- h fricativa glotal surda
- l lateral alveolar sonora
- ˈ lateral palatal sonora
- tʃ africada palatal surda
- ʧ africada palatal sonora
- j palatal
- ɰ labiovelar
- i alta fechada anterior não-arredondada
- ɪ alta aberta anterior não-arredondada
- u alta fechada posterior arredondada
- ʊ alta aberta posterior arredondada
- e média fechada anterior não-arredondada
- ɛ média aberta anterior não-arredondada
- o média fechada posterior arredondada
- ɔ média aberta posterior arredondada
- ɐ baixa aberta central não- arredondada
- a baixa aberta central
- ĩ alta fechada anterior não-arredondada nasalizada
- ũ alta fechada posterior arredondada nasalizada
- ẽ média fechada anterior não-arredondada nasalizada
- õ média fechada posterior arredondada nasalizada
-) baixa aberta central não- arredondada nasalizada

ANEXO 07

Símbolos usados na codificação dos dados para o Varbrul na variação do /s/ pós-vocálico (alveolares [s, z], palatais [ç, ʃ], glotal [h] e zero fonético [∅])

I. Variável dependente

- 1 presença da variante
- 0 ausência da variante

II- Variáveis independentes (caráter estrutural e social)

1) Caráter surdo ou sonoro do segmento posterior

- s= surdo
- r= sonoro

2) Quanto a tonicidade do segmento que contém a variante

- t= tônico
- a= átono

3) Classe morfológica que contém o segmento variante

- V= verbo
- K= preposição
- d= advérbio
- E= substantivo
- T= pronome
- f= artigo
- H= numeral
- o= conjunção
- g= adjetivo

4) Contexto fonológico posterior

- j= consoante surda em juntura
- L= consoante sonora em juntura
- i= consoante surda interna à palavra
- Y= consoante sonora interna á palavra
- v= antes de vogal
- p= antes de pausa

5) Modo de articulação vs. grau de altura das vs. pausa

- N= nasal
- O= oclusivo
- F= fricativo
- L= lateral
- V= vibrante
- A= africado
- U= longa
- u= breve
- h= vogal alta
- i= vogal média
- K= vogal central

6) Zona de articulação

\$= bilabial

*= alveolar

&= labidental

<= velar

>= palatal

~= vogal posterior

?= vogal central

7) Sexo

F= feminino

M= masculino

8) Faixa etária

A= 15-25 anos

B= 26-46 anos

C= mais de 46 anos

9) Escolaridade

1= baixa escolaridade

2= 1º grau completo/incompleto

3= 2º grau completo/incompleto

10) Classe social/renda

b= baixa

m= média

11) Grau de interação

+= mais interativo

-= menos interativo